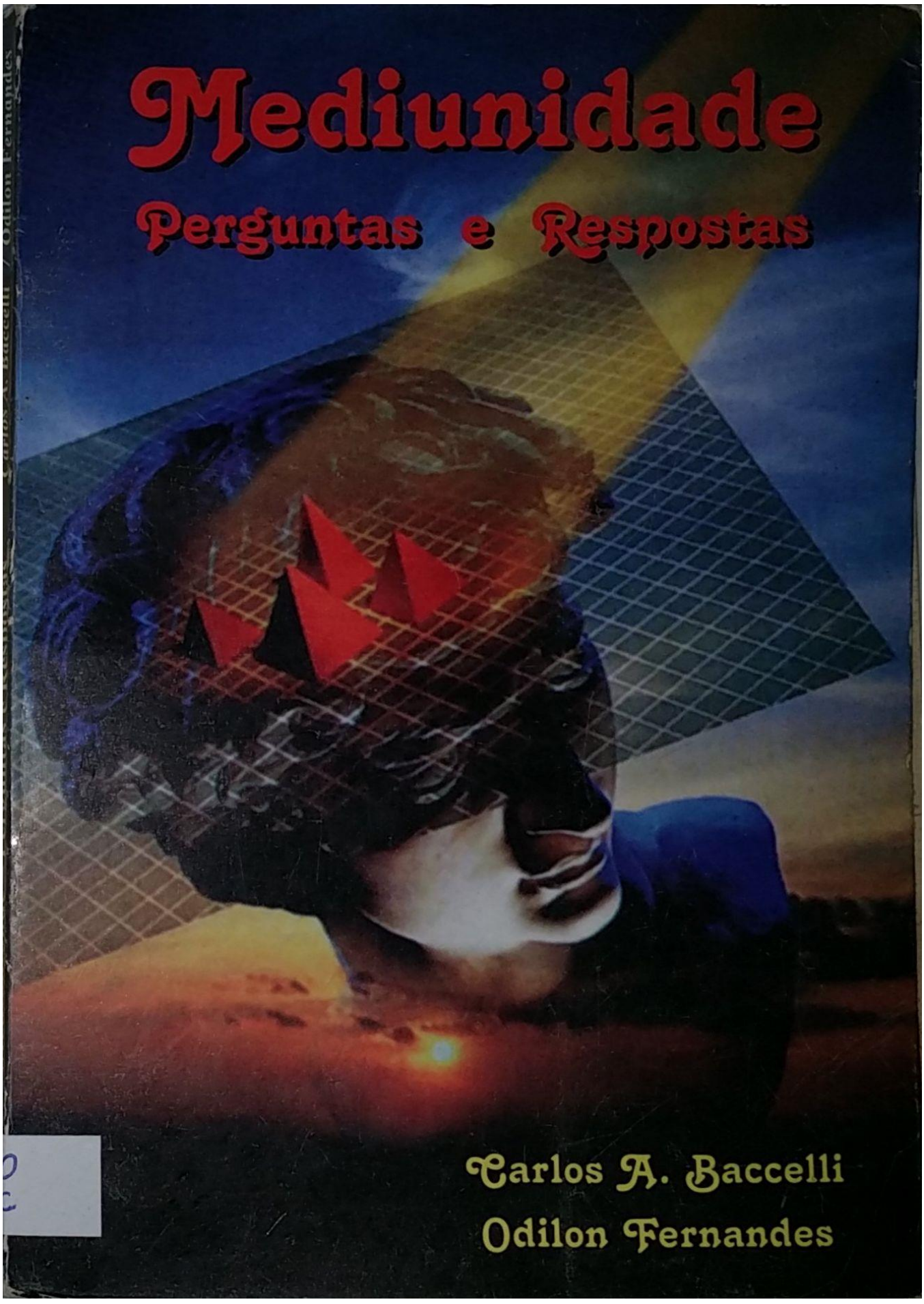
Mediunidade

Perguntas e Respostas



Carlos A. Baccelli

Odilon Fernandes

Carlos A. Baccelli / Odilon Fernandes

Mediunidade - Perguntas e Respostas

Neste livro, abordamos alguns dos principais assuntos que nos foram propostos quando, em companhia do nosso irmão médium, comparecemos com palestras e seminários em tomo do palpitante tema Mediunidade.

Procurando responder às perguntas que originaram os capítulos constituintes desta obra, esclarecemos que o fizemos sem qualquer intenção da última palavra, sintetizando tanto quanto possível, ao mesmo tempo convidando nossos companheiros ao diálogo, posto que, evidentemente, cada espírito e cada medianeiro em serviço conjunto terão sua experiência a transmitir.

Na expectativa de que possamos contribuir para a melhor compreensão da mediunidade, mormente àqueles que carecem de orientações para o seu legítimo exercício, com base no Evangelho de Jesus, rogamos *ao Senhor sempre nos inspire no aprendizado comum.*

ODILON FERNANDES

Uberaba, 31 de janeiro de 2000.

O que é mediunidade?

R—Mediunidade é um processo de maturação psíquica a que todos os homens, encarnados e desencarnados, estão submetidos; é, em outras palavras, o desabrochar das faculdades inerentes ao espírito manifestando-se na matéria, possibilitando-lhe uma maior independência sobre o corpo...

A mediunidade independe de crença religiosa, no entanto precisamos considerar que os conhecimentos adquiridos, seja no campo da fé ou da cultura meramente humana, são fatores determinantes, diríamos até desenca- deantes do seu aparecimento, dotando o homem de recursos sempre mais abrangentes para o seu despertar espiritual diante da Vida.

Considerada como sendo o sexto sentido humano, a mediunidade nada mais é, porém, do que o primeiro passo do homem na senda de suas faculdades extra-sensoriais. Se foram precisos milhares de anos para que a criatura humana começasse a extrapolar os sentidos físicos, imaginemos o tempo que lhe será necessário à conquista dos sentidos ditos paranormais... Todavia semelhante realidade é irreversível; cada vez mais o homem há de ser mais médium, ou seja, doravante, mais viverá ele pelas suas faculdades sensitivas do que pelas outras que, durante séculos e séculos, o fizeram confundir-se com a matéria...

Não acreditemos que a mediunidade se preste exclusivamente ao intercâmbio dos homens com os desencarnados —isto, sem dúvida, seria limitá-la em suas manifestações. A sensibilidade mediúnica coloca o homem em sintonia com as Leis que regem o Universo, ampliando-lhe a percepção e, sobretudo, possibilitando-lhe um conhecimento maior sobre si mesmo.

Neste sentido, embora valioso instrumento de trabalho em prol de todas as

criaturas, a mediunidade deve ser de interesse imediato dos próprios médiuns, que, sem dúvida, serão os que dela mais poderão se beneficiar.

Qual é a importância dos médiums?

R — Os médiuns, digamos, são *rastreadores* psíquicos da vida fora da matéria; são o que Jesus denominou *sal da terra,* ou seja, o tempero da Espiritualidade, imprescindível para que a existência física não se resuma ao repasto das ilusões.

Os médiuns são, na hora que passa, os vanguardeiros do progresso espiritual da Humanidade, encarregados de manter acesa a tocha da fé na imortalidade, impedindo que o homem continue a vagar entre as sombras da descrença.

Nada há que mais desmotive o homem que a ideia do nada... Não crendo que a vida continue além da morte, ele não encontra razão para resistir aos impulsos infelizes que o fustigam sem trégua.

Sem a presença dos médiuns, de que forma os que não morreram poderiam sustentar o intercâmbio com os que mourejam nas retaguardas da vida material, pelo menos incutindo-lhes n'alma a dúvida que, convenhamos, diante da negação explícita de muitos, é já um avanço considerável para os que se dignam de ouvi-los?!

Poderíamos, simbolicamente, ainda figurar os médiuns na condição de anônima pedra colocada no meio de um riacho, improvisando uma ponte entre as duas margens para quem deseje transpô-lo...

Sem o concurso dos médiuns, o homem perderia de vez o seu contato com o Mundo Espiritual, vivendo completamente desterrado de sua pátria de origem. No entanto, como nada em a Natureza sofre solução de continuidade, as diferentes dimensões da Vida estão interligadas, agindo e reagindo sem cessar umas sobre.as outras.

Trazendo à Terra informações mais ou menos detalhadas da vida de Além-Túmulo, os médiuns, em parceria com os espíritos, se assemelham àqueles pioneiros que, viajando longas distâncias, traçaram os primeiros mapas das regiões inexploradas, desbravando caminhos para a conquista de novos continentes.

O que significa desenvolver mediumidade?

R — Desenvolver mediunidade não significa única e tão-somente esmerar-se o médium no contato com os espíritos. Talvez seja até, em seu processo de desenvolvimento, o que menos importância tenha — esse contato contínuo com os habitantes do Invisível.

É preciso que o médium adquira uma visão mais abrangente do que habitualmente se denomina desenuol- ui*mento mediúnico.* Ele não deve limitar-se ao cultivo desta ou daquela faculdade, como se desenvolver mediunidade fosse abrir uma janela de uma casa, desprezando as demais...

O aprimoramento das faculdades mediúnicas deve significar o aprimoramento do médium, tanto intelectual quanto moralmente.

Somos da opinião que, para o médium em desenvolvimento, o contato ostensivo com os espíritos deve vir em último lugar.

O médium consciente entende que mediunidade é sintonia e que sintonia depende dos recursos de que ele disponha. Um grão de areia reflete a claridade solar, tanto quanto um pedaço de espelho ou a superfície de um lago, todavia cada um desses elementos a refletirá de acordo com a sua capacidade de absorção da luz...

Nem sempre os médiuns mais úteis aos espíritos são os que incorporam ou psicografem... Existem médiuns que, no exercício discreto da mediunidade quase imperceptível, são mais médiuns do que aqueles que, ostensivamente, falam ou escrevem sob o impulso dos desencarnados.

Ao Espiritismo, fazem mais falta médiuns do discernimento e do bom senso do que médiuns deste ou daquele espírito; médiuns que, não atuando em nenhuma mediunidade de maneira específica, exercem o ministério mediúnico como um todo, constituindo-se em permanente fonte de inspiração para as Inteligências Sublimadas que, em nome do Senhor, buscam conduzir o homem pelos caminhos do Amor e da Verdade.

O médium pode ser portador de mais de uma faculdade?

R — É evidente que sim, no entanto quase sempre uma há de prevalecer sobre a outra.

Mediunidade, em essência, é sintonia inespecífica do pensamento, que se expressará, no medianeiro, de acordo com a sua capacidade receptiva. Alguns falarão, outros escreverão, e assim por diante...

O médium expressará o pensamento dos espíritos através do órgão que lhe seja mais sensível, ou seja, por aquele que, no curso de suas vidas sucessivas, mais tenha desenvolvido, com exceção feita dos fenômenos que têm no ectoplasma a sua base de manifestação.

Sendo, basicamente, desenvolvimento do espírito, a mediunidade se desenvolve em bloco, ou seja, o desenvolvimento de uma suscita o desenvolvimento de outra e, quase sempre, duas ou mais faculdades medianímicas podem estar em ação na produção do mesmo fenômeno.

Não podemos, ainda, desconsiderar a questão do desejo. Pode ser que o espírito comunicante queira, invés de escrever, mostrar-se à visão, ou, ao invés de falar, materializar-se... Assim como o médium está sujeito à vontade do espírito, o espírito também está sujeito à vontade do médium. Por exemplo, se o médium quiser escrever, dificilmente por ele o espírito se expressará através da fala.

Existem certas zonas do cérebro que, neste ou naquele medianeiro, são mais sensíveis que outras, digamos, psiquicamente mais flexíveis — por elas, o pensamento do espírito fluirá em forma de imagens que se tomem palavras ou de palavras que se façam imagens.

„ Médium algum deve ambicionar outro tipo de mediunidade do que aquela que

naturalmente se lhe manifeste. A serpente rasteja, o peixe nada, o pássaro voa...

Em suma, parafraseando o que já se disse alhures: "Mediunidade — todas as faculdades em ação!"

Mediunidade é para toda a vida?

R — É lógico que, com o decréscimo das forças físicas, o exercício da mediunidade padeça as limitações naturais impostas pelo tempo; no entanto, se a mediunidade requisita instrumentação física em condições de expressar- -se, é patrimônio inalienável do espírito.

Fala-se em *suspensão* das faculdades medianímicas, no entanto o que acontece, advindo de sua má utilização, é o rompimento da sintonia com os Espíritos Superiores e, consequentemente, a vinculação com as entidades infelizes que engendram os processos da obsessão.

A rigor, não há limite de idade, nem para iniciar e nem para deixar-se de trabalhar na condição médium.

Convém, por outro lado, esclareçamos que, muitas vezes, os espíritos que se aproximam deste ou daquele medianeiro, depois de algumas décadas de serviço comum, sentem a necessidade quase imperiosa de afastar-se, seja em direção a outros planos da dimensão espiritual ou com a finalidade de preparar o próprio regresso à Terra.

Diríamos que, provavelmente, um médium não seja médium de um mesmo espírito a vida inteira, ao ponto de, depois de desencarnado, continuar a reivindicar-lhe a presença. Se tal ocorresse, não deixaria de ser uma relação doentia. É natural que, com a idade, os medianeiros, depois de longa e estreita vinculação com os espíritos, sejam induzidos à introspecção solitária, embora jamais, em qualquer etapa da vida, lhes falte amparo espiritual, mormente àqueles que sempre fizeram por merecê-lo.

Existe um momento em que o médium, transcendendo a mediunidade, não carece mais de exercê-la, submetendo-se aos constrangimentos do fenômeno. De sua convivência com os espíritos,*o medianeiro pode amealhar os conhecimentos que venham a nivelá-lo com eles, de meros aprendizes promovendo-se a diligentes instrutores.

Em síntese, o exercício da mediunidade não deve ser encarado como uma obrigatoriedade semelhante à do sacerdócio responsável por tantos desastres de ordem moral, para muitos que se viram na contingência de levar seus votos religiosos às últimas consequências.

Existem médiums na Vida Espiritual?

R — Só Deus é médium de Si mesmo! O Cristo afirmou que ele próprio não passava de intermediário da Vontade do Pai junto dos homens.

Nas dimensões espirituais que, por agora, escapam à compreensão humana, os seres são dotados de sentidos dos quais a mediunidade não passa de primitiva

manifestação.

Todos intermediam algo na Vida! Não existe ninguém que, de uma forma ou de outra, se isente da influência de terceiros.

Os sentidos na Terra ditos mediúnicos são, nos Planos Mais Altos, expressões do próprio psiquismo de quem os detém, manifestações anímicas que se caracterizam pela espontaneidade com que os sentidos físicos se manifestam nos homens.

Até que o espírito se ilumine em definitivo, estará sempre recebendo de quem lhe segue à frente e repassando a quem avança na retaguarda. Semelhante fenômeno pode, inclusive, ser constatado nos reinos inferiores da Natureza... A terra recebe da chuva; a terra doa à semente.

O professor, no sublime ministério de educar, está intermediando conhecimentos que, por sua vez, recebeu dos que cooperaram para a sua formação; o artista que concebe uma tela é médium da beleza que, através do pincel, consegue reproduzir; o ator que encena um papel é medianeiro do personagem que incorpora...

Existem, sim, médiuns na Vida Espiritual e, quanto mais próximos à Terra, mais humanizados no exercício de suas faculdades os encontraremos — médiuns que continuam a sê-lo quase que dentro das mesmas características que sempre os distinguiam em suas funções no trato com a mediunidade.

Todavia precisamos deixar claro que o ministério da mediunidade não deve, na Terra ou na Vida Espiritual, ser tão absorvente, que impeça o médium de ser ele mesmo em suas necessidades de aprendizado mais amplo, excursionando pelos mais diferentes caminhos por onde o conhecimento andeja.

O médium é um missionário?

R — De modo geral, não. Raros são os medianeiros que, no mundo, se encontram investidos de mandato mediúnico, ou seja, desempenhando a sua tarefa no campo da mediunidade, dela fazendo um apostolado.

, Quase sempre, os médiuns são almas que, através da oportunidade que o serviço mediúnico lhes enseja, resgatam pesados débitos cármicos, sem, é claro, nos referirmos àqueles que, ao invés de fazerem da mediunidade um degrau de ascensão, convertem-no em um motivo a mais de queda. .

Poderíamos, por outro lado, afirmar que, no cumprimento do dever que lhe compete, todo médium, sem que seja um espírito missionário, desempenha a missão de sublimar o próprio destino, levando-se em conta que até uma semente, no coração da terra é chamada à tarefa da germinação em que nenhuma outra lhe poderá substituir o esforço.

Para que sempre trabalhe com proveito, dando à sua faculdade medianímica uma finalidade útil, nenhum médium deve se acreditar superior aos demais, prevalecendo-se de sua condição na exaltação de si mesmo. Portanto, para a grande maioria, mediunidade é dever, do qual, infelizmente, muitos desertam,

notadamente os que desejariam ser médiuns para seu exclusivo deleite, olvidando que os genuínos embaixadores celestes no mundo sempre foram os que mais sofreram e os que mais serviram.

A ideia de que seja um espírito missionário, pode, não raro, fascinar o médium, induzindo-o a processos obsessivos de longa duração e inutilizá-lo para o trabalho compatível com a sua capacidade.

Ansiando pelo mediunato, muitos medianeiros inconscientemente desprezam os diminutos recursos media- nímicos de que são dotados, esquecendo-se da sábia advertência do Senhor: "...ao que já tem, dar-se-lhe-á, e ao que não tem, ainda o que tem se lhe tirará".

O que mediunidade tem a ver com obsessão?

R—Obsessão é uma manifestação mediúnica de estranha etiologia" Todo obsidiado é um médium em potencial, embora nem todo médium seja potencialmente um obsidiado.,

O mecanismo da obsessão é, por assim dizer, semelhante ao da mediunidade. O primeiro funciona na base da coação espiritual do desencarnado para o encarnado-, o segundo se alicerça no consentimento mútuo...

, Mediunidade é parceria consentida; obsessão é exploração psíquica unilateral, em que o obsidiado se debate nas garras do obsessor... ,

Poderíamos dizer que quase todo grande obsidiado, hoje, será grande médium amanhã, porquanto as suas faculdades, no cadinho das provas, estão sendo adestradas no que se refere à sensibilidade e à prontidão no campo da sintonia mediúnica" Não interpretemos por grande médium o médium grandioso em seus feitos, mas, sim, o médium que revele extrema facilidade para ser instrumento dos espíritos que por ele procurem manifestar-se.

O exercício da mediunidade só conduz à obsessão o médium que, por seus pensamentos e invigilância, atraia constantemente a companhia dos espíritos maledicentes.Essas entidades infelizes, em lhe parasitando a mente, em doloroso processo de vampirização, lhe enfermam as faculdades, podendo, inclusive, induzi-lo a desequilíbrios de imprevisíveis consequências.

No entanto, para muitos, o exercício consciente da mediunidade pode ser fator de harmonização íntima, medicamento cicatrizante sobre as chagas da mente...

Se a obsessão representa um estado enfermiço de mediunidade, a mediunidade posta a serviço do bem é o começo da cura da obsessão — começo, porque, se se instala com certa rapidez, a obsessão não se desfaz senão muito lentamente.

O que entender por reunião de desenvolvimento mediúnico? É a mesma desobsessão?

R — Não, ou pelo menos não deve ser. A reunião de desobsessão deve

acontecer, de preferência, com a participação de médiuns ainda em processo de desenvolvimento, mas já algo experimentados, amadurecidos para o compromisso que estejam assumindo.

A chamada reunião de desenvolvimento mediúnico, basicamente se caracteriza por ser uma reunião de estudos concernentes à mediunidade. Quando bem conduzida, nela até podem ocorrer certas manifestações, todavia não deve ser esta a sua preocupação dominante.

O desenvolvimento mediúnico, repetimos, acontece na razão direta do desenvolvimento do médium como ser humano. Toda reunião consagrada ao estudo da Doutrina e à atividade assistendal é uma reunião de desenvolvimento em que, lentamente, o candidato ao serviço mediúnico vai se aprimorando, habilitando-se, por fim, a participar da desobsessão propriamente dita.

A reunião de desobsessão carece de certo recolhimento no serviço específico da enfermagem espiritual aos espíritos doentes, ao passo que uma reunião de desenvolvimento, inclusive não tem a preocupação de limitar o número de seus participantes, embora a triagem dos verdadeiramente interessados se faça, tanto numa quanto na outra, necessária.

Que os medianeiros integrantes de um grupo de desobsessão não considerem as suas faculdades plenamente desenvolvidas, pois, se assim se considerarem, estarão sentenciando-se à estagnação. Em mediunidade, cada dia é dia de aprender alguma coisa nova, ampliando os horizontes da percepção sensorial.

E importante, em mediunidade, que não se tenha pressa na obtenção de resultados. Aliás, os médiuns que não perseveram são aqueles que, naturalmente, vão sendo afastados, por não se mostrarem ainda prontos para o compromisso que pretendem abraçar.

O que é o passe?

R—O passe é um ato de doação, imposição das mãos pura e simplesmente, no desejo de auxiliar a quem dele se socorre...

É, ainda, salutar transfusão de energias psicossomáticas, nas transmutações do princípio vital. A do passe é a mais anímica das *mediunidades,* porquanto, quase sempre, o médium doa mais do que o espírito que o assiste.

Jesus empregou-o e a ele se referiu em diversas circunstâncias, como no episódio da mulher hemorroíssa que, em tocando-lhe as vestes, ficou curada de uma enfermidade de doze anos; e na parábola do Bom Samaritano, que, antes de conduzir o homem caído na estrada à estalagem maispróxima, "pensou-lhe as feridas"...

A técnica do passe, ou da magnetização dos corpos, é conhecida, no entanto, desde tempos que antecedem a divina presença do Cristo na Terra. Os egípcios, por exemplo, utilizavam os recursos terapêuticos do passe, friccionando a parte do corpo afetada, crendo que o calor que se lhes desprendia das mãos tinha poder regenerador.

Quem se dispõe à aplicar o passe, expande de si as energias vitais que, acrescidas pelas energias que naturalmente emanam da Natureza e pelas que são despendidas pelos espíritos que participam do seu processo de transmissão, revitalizam as células e modificam o tônus psíquico do receptor encarnado, mobilizando, os *centros de força,* ou *chakras,* de seu corpo espiritual.

Embora respeitando opiniões contrárias, o chamado autopasse não possui os mesmos efeitos do passe em si. O lago, em período de seca, necessita do concurso da chuva, que, vindo do alto, lhe aumenta o nível das águas...

O autopasse nada mais é do que uma prática excessivamente mística, já que, sem que precise de nenhuma gesticulação ao redor de si, a fé do homem que se entrega ao ato de orar é o mais poderoso canalizador dos recursos espirituais de que ele se mostre carente.

Qualquer pessoa poderá cooperar na transmissão do passe?

R—O passe, essencialmente, é uma operação de boa vontade. Desde que haja sinceridade de propósitos da parte de quem seja chamado a transmiti-lo, intenção de auxiliar desinteressadamente e iniciativa de servir, qualquer pessoa que nele creia poderá fazê-lo, sem que, para tanto, tenha necessidade de maiores esclarecimentos sobre, digamos, o seu modus *operandi.*

As variadas técnicas de aplicação do passe genuinamente espírita são obsoletas. Não passam de personalismo de quem as imagina, a expressar-se nos modismos que, infelizmente, de tempos em tempos, conturbam os ambientes doutrinários que, em qualquer circunstância, devem primar pela simplicidade.
Jesus curava quando tocava ou quando era tocado, pela imposição de suas abençoadas mãos ou pela ação do pensamento, a distância, como no caso do servo do centurião.

Conta-se nos "Atos dos Apóstolos" que os enfermos disputavam a própria sombra de Simão Pedro, que, à sua passagem, em nome do Senhor, recobravam a saúde...

Ao agitar das águas no tanque de Betesda por um anjo, os paralíticos se arrastavam na ânsia de nelas obterem a cura dos membros atrofiados...

Não nos esqueçamos de que, também no passe, a fé opera prodígios, removendo os mais pesados obstáculos, e não exageraríamos se disséssemos que, nele, sem necessidade de nenhum objeto cortante, está a verdadeira cirurgia de caráter espiritual, que, sem dúvida, careceria de ser mais valorizada.

Os expedientes estranhos que se introduzem na aplicação do passe, tais como movimentos ritmados das mãos e posturas diferentes de quem vai transmiti-lo ou recebê-lo retiram-lhe a espontaneidade por onde a Providência Divina prefere manifestar-se.

Concluindo, diríamos que o passe é a mediunidade ao alcance de todos e que, para muitos, tem sido ele a porta de acesso ao Espiritismo.

Deve o médium comunicar às pessoas tudo quanto vê, tudo quanto ouve, enfim, tudo quanto perceba em seu contato com os espíritos?

R—É evidente que não.

O discernimento é atributo indispensável à mediu- nidade, e o médium destituído de bom senso acaba sendo mais prejudicial do que útil à Doutrina.

Tudo que médium perceba, em seu contato com os espíritos, deve ser submetido ao crivo da razão e, em muitas ocasiões, o silêncio é a melhor atitude a ser tomada por ele.

O medianeiro que vive falando de suas experiências com os espíritos não merece a credibilidade que reclama. O médium idôneo é sempre discreto em suas atuações; quando intervém mediunicamente, o faz com a cautela necessária, jamais procurando prevalecer-se de sua condição de médium.

A clarividência é uma das faculdades mediúnicas mais suscetíveis de equívocos; pode ser que, de momento, o próprio médium não saiba interpretar o que veja... O medianeiro afoito, repetimos, pode inclusive, criar certas fantasias nas mentes invigilantes e ingênuas, induzindo-as a certos processos obsessivos, quando não a traumas e receios injustificáveis...

' Em mediunidade, o que primeiro se precisa aprender é a técnica de "separar o joio do trigo"; o médium que não sabe fazê-lo, ao invés de instrumento da luz, pode trans- formar-se em instrumento das trevas... Por isto, uma vez mais, valemo-nos do ensejo para enfatizar a necessidade do estudo da Doutrina Espírita.

Os Espíritos Superiores têm mais o que fazer do que, a toda hora, estar se mostrando à vidência deste ou daquele médium ou lhe falando aos ouvidos...

Por vezes, há mais médiuns na vida dos espíritos do que espíritos na vida dos médiuns.

A mediunidade deve prestar-se à revelações concernentes à vida pregressa de alguém?

R — Não.

Aprincípio, nenhum médium, por si mesmo, tem poder de acesso aos arquivos da vida pretérita de quem quer que seja.

As revelações que se referem ao passado, quando acontecem, acontecem espontaneamente através de seus próprios personagens, na trama que lhes diz respeito.

Na maioria das vezes, o medianeiro inclinado a vasculhar a vida anterior dos outros não consegue identificar com clareza nem as experiências vivenciadas por ele em tempos recuados.

Não nos posicionamos contra a técnica da regressão de memória, com finalidade terapêutica, desde que indicada corretamente e conduzida com responsabilidade, todavia acreditamos que o esquecimento do passado seja, depois da reencamação, uma das maiores bênçãos para o espírito, o qual, caso contrário, não conseguiria avançar na direção do íuturo.

Alertamos ainda para o fato de alguns medianeiros, com suas supostas revelações referentes ao ontem, realizarem manobras afetivas inconfessáveis objetivando colimar interesses de ordem inferior, na satisfação de seus instintos ligados ao campo da sexualidade.

O interessado em saber o que pode ter sido e o que pode ter feito, procure analisar a si mesmo, em seus hábitos e tendências, no que faz e no que é, e, com certeza, terá uma ideia aproximada do que fez e do que foi no passado não muito distante.

Esporadicamente, quando seja necessário, a Espiritualidade Superior, no máximo, pode fornecer, através do médium, alguns indícios da experiência pregressa deste ou daquele que não esteja querendo saber de si apenas por mera curiosidade.

Deve o médium de psicografia tornar público tudo quanto obtenha dos espíritos?

R — A psicografia é uma das mediunidades que mais exigem continuados e perseverantes exercícios.

O médium psicógrafo não deve precipitar-se na divulgação das páginas que receba dos Amigos Espirituais; antes de lhes dar publicidade, é importante que as submetam à apreciação de companheiros mais experimentados e mesmo as ofereçam aos cuidados de um revisor de gramática que, inclusive, possa auxiliá-lo na tarefa de "enxugar" o texto...

Temos, infelizmente, visto médiuns e médiuns escrevendo de forma prolixa e ininteligível. Essas mensagens ou esses livros recebidos por eles não passam de adestramento mediúnico para que, de futuro, médiuns e espíritos, em melhor sintonia, produzam algo de maior proveito.

O exercício da psicografia, para que se faça com bons resultados, necessita ser constante. Escrever é uma arte que, na maioria das vezes, nem os espíritos dominam. O que pertence a eles é a ideia que o médium é chamado a revestir com os seus recursos intelectivos... Quanto mais facilidade tiver o médium para escrever, mais facilidade terá o espírito para expressar-se.

O médium disciplinado e perseverante perceberá, através do tempo, por um estudo comparativo entre as primeiras páginas psicografadas por ele e as últimas de sua lavra, o progresso realizado.

Infelizmente, o costume de se deixar todo o esforço por conta dos espíritos, até mesmo o de suprimir a falta de cultura do médium, têm anulado muitas possibilidades, de certa forma atravancando o intercâmbio que se estabelece entre os Dois Planos da Vida.

Quase sempre, na psicografia, os espíritos escrevem primeiro pelos médiuns para os médiuns; numa segunda etapa é que poderão escrever pelos médiuns para o grande público...

Que pensar dos grupos espíritas que, em quase tudo quanto façam, se submetem sistematicamente à orientação dos espíritos?

R -^Demonstram imaturidade. Os espíritos não devem ser consultados em tudo, dando-lhes oportunidade de em tudo se imiscuírem na vida dos homens.

E imprescindível que os grupos espíritas assumam a responsabilidade de suas decisões; depois, toda e qualquer orientação jaz consubstanciada na obra da Codificação. Os que, estudando-a, tiverem "olhos de ver" saberão tomar as atitudes corretas.

Existem médiuns e espíritos personalistas que se comprazem na dominação de certos grupos, chegando mesmo a opinar nas mais comezinhas questões do cotidiano.

O médium centralizador de opiniões carece ser ouvido com cautela, porquanto o que não falta, no Mundo Espiritual, são espíritos que, com ele se afinizando, controlam todas as ações do grupo, que, assim, nunca agirá por iniciativa própria.

Conhecemos grupos espíritas na Terra cujos integrantes costumam consultar os espíritos até na organização desta ou daquela festa beneficente, deste ou daquele confeito que será colocado sobre determinado bolo...

O único espírito cuja palavra, sem dúvida, deve ser sempre acatada por todos é Jesus Cristo!

Certos médiuns e espíritos sequer admitem serem questionados em seus arremedos de orientação, que, na realidade, não passam de ordens sob disfarce.

Quando tal esteja acontecendo em uma instituição espírita, os seus dirigentes e demais frequentadores de bom senso devem unir-se e colocar ponto-final nessa pendenga espiritual.

E, se se falar com o espírito, o médium se melindrar, ou vice-versa, ficará então evidente que semelhante providência deveria ser tomada há muito mais tempo.

Quando o grupo espírita está apto para se organizar na tarefa da desobsessão?

R—Quando, disciplinado, colocar a necessidade de esclarecimento espiritual, através do estudo sistemático da Doutrina, acima de seus anseios no campo da mediu- nidade...

Quando os elementos que o integram não se cataloguem entre os frequentadores flutuantes da casa espírita...

Quando os candidatos ao serviço mediúnico, sejam também companheiros na tarefa assistencial aos mais carentes e no trabalho da própria iluminação...

Quando a atividade da desobsessão não seja encarada como prioritária, ao pomo de, por exemplo, relegar-se a plano secundário a evangelização da criança...

Quando não haja pressa na obtenção de resultados e a ideia de autopromover-se alguém esteja inteiramente afas- tada...

Quando não haja outro interesse que não seja o de servir, anonimamente, na tarefa da enfermagem espiritual junto aos desencarnados...

Quando médiuns e dirigentes não rivalizem entre si, disputando a primazia da reunião...

Quando os elementos que deverão constituí-lo não sejam escolhidos com parcialidade e os mais pobres e humildes não sejam preteridos em benefício dos detentores de maior cultura e poder econômico...

Quando esteja disposto a enfrentar a rotina que o trabalho dessa natureza costuma impor aos seus participantes...

Quando, enfim, se sinta como uma família interessada no mesmo objetivo e unida no mesmo ideal de levantar sobre a Terra um mundo novo!...

A mediunidade deve ser exercitada no recinto doméstico?

R—O lar, sem dúvida, não é o ambiente apropriado para atividades mediúnicas que envolvam a doutrinação de espíritos sofredores — espíritos que, uma vez para ele atraídos, nele deliberem instalar-se por tempo indeterminado, exercendo indesejáveis influências, principalmente sobre crianças e adolescentes.

A não ser o exercício regular da tarefa psicográfica, no contato com os espíritos orientadores do médium, e, quando necessário, a benéfica providência do passe para este ou aquele que, de fato, esteja necessitando de sua assistência, nenhuma outra atividade mediúnica de caráter permanente deve ser levada a efeito na intimidade do lar.

Quase sempre, são o comodismo e a falta de informação doutrinária que levam grupos familiares desavisados a improvisarem certas reuniões em casa com a participais
ção de médiuns e espíritos carentes de evangelização, crendo, com semelhante providência, sanear a atmosfera psíquica do recinto.

O Culto do Evangelho no Lar, realizado semanalmente, substitui com vantagem todo e qualquer tipo de reunião mediúnica que nele se improvise, porque, além de permitir a participação de todos os membros da família, inclusive as crianças, opera a renovação dos sentimentos que, em suma, é o verdadeiro trabalho de desobsessão para quem esteja querendo ver-se livre da sanha deste ou daquele implacável perseguidor do Mundo Espiritual.

E, depois, precisamos ainda considerar que os centros espíritas carecem da presença e do concurso de quantos possam cooperar com as suas nobres iniciativas, somando esforços com os companheiros que, a grande custo, permanecem labutando no anonimato.

O espírita convicto não deve omitir-se, retraindo-se como quem não desejasse assumir compromissos e obrigações na casa espírita, adotando a estranha atitude de quem sempre se coloca na posição de receber e nunca na de doar de si mesmo para o fortalecimento do Ideal.

As atividades de cura são importantes na casa espírita?

R- Qualquer atividade doutrinária é importante na casa espírita e, a bem dizer,

não existe uma só que seja menos relevante que a outra.

A tarefa da cura, pelo grande número de pessoas que atrai, sem dúvida, presta excelente serviço à Doutrina, desde, é claro, que conduzida com bom senso e que os médiuns nela envolvidos não estejam à procura de notoriedade.

Toda casa espírita que mantém assistência espiritual através do passe possui um trabalho de cura em potencial, atividade que, embora discreta, proporciona, em nome da fé, enormes benefícios aos desesperançados...

No entanto o trabalho de cura propriamente dito, pela sua própria natureza, costuma chamar a atenção de um número bem maior de necessitados, principalmente dos que não têm encontrado, na medicina convencional, os recursos terapêuticos de que carecem.

Mas um grupo espírita dedicado à cura precisa estar suficientemente estruturado para que não venha, mais cedo ou mais tarde, a desviar-se dos objetivos que se propôs; é indispensável que os medianeiros de semelhante tarefa ajam completamente destituídos de toda e qualquer ambição pessoal, não aceitando, de forma direta ou indireta, um só níquel pelas bênçãos das quais não passam de simples intermediários...

Quase sempre, as gratificações a título de despesa da instituição não passam de taxas de consulta no rateio que os médiuns promovem com os seus colaboradores, aí sim no exercício ilegal da Medicina, passível de ser punido com todos os rigores da lei.

Não nos esqueçamos, por outro lado, que mais importante que curar corpos que, amanhã, irremediavelmente, baixarão à sepultura, é curar almas para a Vida Eterna, e que, por isso mesmo, todo trabalho de cura na casa espírita deve ser, antes, uma oportunidade valiosa para que o Evangelho seja ministrado consoante as prescrições do Divino Médico.

Por que o médium quase sempre é mais suscetível de melindrar-se?

R— Positivamente, a mediunidade nada tem a ver com o melindre do médium...

O médium melindrado é o médium contrariado em seus interesses, evidenciando um personalismo que precisa combater.

A mediunidade não pode ser culpada pela deselegância do médium no trato com as pessoas, porque ser médium não dá ao homem o direito de ser deseducado, de falar com franqueza rude, de adotar posturas agressivas...

Melindre é fragilidade espiritual que o medianeiro também carece combater em seu processo de desenvolvimento, porquanto o que se melindra com facilidade com maior facilidade se afasta da tarefa, crendo-se, certamente, insubstituível, o que, de sua parte, não passa de grande equívoco.

Médium algum é imprescindível! Não há ninguém que seja insubstituível nesta ou naquela atividade que exerça!...

É claro que, por vezes, o médium, pela sua invigi- lância, é mais facilmente assediado pelos espíritos interessados na sua ou na ruína do grupo, mas tal assédio

somente colimará os seus objetivos se encontrar guarida na alma do medianeiro que ainda não aprendeu a dominar-se.

O médium que culpa a mediunidade pelo seu temperamento irascível ou que aceita semelhante argumentação de alguém, não se revela assim tão disposto à renovação, complacente em demasia consigo mesmo.

A pacificação das forças psíquicas e nervosas do médium é fator de vital importância para que, serenamente, ele consiga desincumbir-se de sua tarefa, em sintonia com os espíritos encarregados de promover a harmonia entre os homens.

Quem lida com a evangelização infantil pode ser considerado médium?

R— Quem plasma na mente infantil noções concernentes à fé na imortalidade, procurando incutir-lhe a crença na existência de Deus e exaltando os ensinamentos de Jesus com base no "amai-vos uns aos outros", está realizando inestimável trabalho de natureza mediúnica, cooperando ativamente para que as bênçãos do Mais Alto sejam canalizadas para a Terra.

O evangelizador infantil, educando crianças à luz do Evangelho, age nas raízes dos problemas espirituais que assolam a Humanidade... Em realidade, com os pais, é ele que trabalha nos alicerces do futuro melhor, facilitando os caminhos do espírito recém-desencamado.

Uma aula de evangelização destinada a crianças, em muitos casos, funciona como uma reunião de desobses- são de caráter informal, que beneficia, inclusive, os demais familiares, pela doutrinação, direta ou indireta, dos espíritos integrantes de seu quadro cármico, mormente àqueles que, ainda endurecidos, não sabem o que seja perdoar.

O evangelizador, portanto, deve compenetrar-se de sua responsabilidade, preparando-se com esmero na lida com os infantes que lhe são confiados, muitos deles talvez espíritos que ele próprio desencaminhou nas experiências do passado.

Assim como da semente nas mãos do lavrador dependerá a colheita, da criança espírita nas mãos do evangelizador dependerá o seu futuro na Doutrina, ainda tão carente de seareiros conscientes e de boa vontade.

Por isto, temos considerado que a tarefa da evangelização infantil em uma casa espírita deve merecer prioridade, inclusive sobre aquelas de caráter mediúnico propriamente dito.

Quais os critérios de seleção para que alguém participe de uma reunião mediúnica?

R— São os da disciplina, os da perseverança, os do interesse pelo estudo, os do idealismo contagiante, os da' sinceridade de propósitos...

Evidentemente, uma reunião mediúnica de desob- sessão deve funcionar com um número limitado de participantes, inclusive que facilite a harmonia das vibrações. Seria contraproducente que uma reunião dessa natureza funcionasse,

por exemplo, com 30,40 integrantes...

Quando o grupo mediúnico cresce, é aconselhável que se pense na formação de um segundo grupo e até de um terceiro, se for o caso, desde que, é lógico, haja estrutura doutrinária para tanto.

No caso da necessidade de formar-se dois ou mais grupos de desobsessão, embora devam atuar dentro do mesmo padrão vibratório, um não deve depender do outro, no que se refere à sua organização e funcionamento. Dizemos assim porque, reconhecemos, existem dirigentes excessivamente centralizadores, que não abrem mão do poder e que não sabem incentivar o crescimento alheio.

E natural que, aumentando os seareiros de boa vontade na casa espírita, aumente, em uns e outros, o interesse por uma maior integração com o grupo, ansiando, esses aos quais nos referimos, pela sua admissão nas atividades relacionadas com a mediunidade.

Se o grupo mediúnico carece funcionar de portas fechadas, visando um melhor recolhimento na tarefa que se propõe, não deve fechar as portas para os companheiros interessados, a fim de que não se incorra no erro da formação de uma çasta de iniciados.

Recordemos, aqui, a sábia palavra do Senhor: "Muitos os chamados; poucos os escolhidos"... Os *escolhidos o* serão pelo seu esforço e não pelo critério aleatório de quem quer que seja.

Por que os médiuns parecem sofrer mais que as outras pessoas não afeitas ã mediunidade?

R—Todas as pessoas que se ocupam do bem encontram oposição por parte daquelas que ainda se devotam ao mal.

O médium, em verdade, não sofre mais do que sofre o homem que procura construir algo de positivo em prol da Humanidade. Os pioneiros do progresso humano não puderam se eximir do sofrimento da incompreensão, da intolerância, do preconceito, do fanatismo... Muitos perderam a vida lutando pelo ideal que abraçaram ou se expondo aos perigos que ousavam enfrentar.

Os cristãos dos tempos apostólicos choraram no testemunho da fé... Eram perseguidos e presos, humilhados e mortos pela causa do Evangelho.

Todavia, além desse *sofrimento externo, o* médium padece muito mais no confronto íntimo com as sutis tendências inferiores... A oposição ao médium é mais de dentro para fora do que de fora para dentro. *Dentro* do medianeiro bem intencionado, o *homem-velho,* seu milenar inquilino espiritual, teima em não deixar a sua cidadela psíquica, reclamando a posse definitiva do que entende ser- -lhe propriedade. E a luta interior do médium que, sem dúvida, mais o desgasta e consome.

Escreveu célebre espiritualista que, "quanto mais próximo do Céu, mais sofre o homem na Terra"... De fato, o caminho da verdadeira ascensão é repleto de obstáculos, porquanto as *forças* que acomodam o homem nas trevas de si mesmo,

reagem quando percebem escapar-lhe a presa, intentando mantê-la em seu milenar cativeiro.

Consideremos, ainda, que muitos medianeiros dramatizam excessivamente o próprio sofrimento, no incompreensível propósito de supervalorizar a tarefa na qual se encontram empenhados.

Os espíritos podem comunicar-se através de aparelhos eletrônicos?

R — A chamada Transcomunicação Instrumental é uma realidade. Evidentemente, a comunicação dos espíritos através de aparelhagem eletrônica exigirá ainda muitos esforços, tanto da parte dos pesquisadores encarnados quanto dos desencarnados.

Não possuímos aqui, onde espiritualmente nos encontramos, no presente, domiciliados, toda a técnica que o conhecimento eletrônico do futuro nos facultará. Também nós, os habitantes do Invisível, estamos estudando no aprimoramento do intercâmbio com os homens.

Em nosso plano de ação, a Transcomunicação Instrumental é já uma conquista, mas também ainda sujeita a muitos aperfeiçoamentos nos quais se encontra trabalhando um sem-número de técnicos em Eletrônica.

A TC1 agora na Terra está, digamos, nos tempos primeiros de TCM no mundo, ou seja, da Transcomunicação Mediúnica, que acontecia através do fenômeno das mesas girantes e da tiptologia.

Não creiam, todavia, os homens, que a TCI esteja isenta dos óbices que a TCM enfrentou e ainda enfrenta, como: fraudes, mistificações, interferências anímicas... Infelizmen- te, existem espíritos, técnicos eletrônicos desencarnados, que se imiscuem nas pesquisas de caráter científico e que, a serviço das trevas, tratam de lançar dúvida nas mentes invigilantes. Não temos, na Terra, as inteligências que se devotam à pesquisa de armamentos químicos e espionagem eletrônica? !...

Que os pioneiros da Transcomunicação Instrumental não se entreguem ao desânimo, conscientes de que, em seu campo de atuação, também estão a serviço do Cristo, empenhando-se para que o homem se liberte através do conhecimento da Verdade.

A Eletrônica confirmará o que, há séculos, o homem vem obtendo através dos recursos da Mediunidade!

Como lidar com a mediunidade na infância?

R—A criança não deve ser incentivada à prática da mediunidade.

Normalmente, os fenômenos mediúnicos na infância são passageiros. O problema é que, recém-encamado, o espírito da criança permanece ligado mais às realidades do Mundo Espiritual que às da Terra... Quase sempre, deixou na Outra Vida afeições que não puderam acompanhá- la de imediato, espíritos saudosos que, visitando-a, vez por outra, anseiam por dar-lhe, a ela e aos seus familiares, um

sinal espiritual de sua presença.

E, portanto, muito comum que a criança veja, ouça, sonhe, enfim, perceba os espíritos desta ou daquela maneira, sem que isso signifique que, na fase adulta, a mediunidade haverá de perpetuar-se com ela.

Os pais não devem alarmar-se, causando estranheza nos filhos que protagonizem, dentro de casa ou, por exemplo, na escola, este ou aquele fenômeno mediúnico. Antes, devem encarar tudo com a naturalidade possível, não comentando excessivamente o assunto, principalmente na presença do menino ou da menina que esteja sendo alvo de semelhante manifestação.

Quando tal ocorrer, é de bom alvitre que os pais encaminhem os seus filhos à assistência espiritual do passe na casa espírita e que os conduzam às aulas de evangelização infantil, bem como redobrem a sua própria vigilância dentro do lar.

Muitas manifestações mediúnicas na criança têm por objetivo despertar o interesse dos adultos para as realidades da vida de Além-Túmulo.

Pela sua passividade natural, repetimos, muitas vezes a criança é instrumento mais dócil para os espíritos que anseiam por comunicar-se do que os adultos que, excessivamente absorvidos pelas preocupações do cotidiano, não lhes oferecem receptividade.

Qual a atitude que o dirigente do grupo mediúnico deve adotar com o médium indisciplinado?

R —Inicialmente, a da advertência fraternal. O dirigente de um grupo mediúnico, antes de tomar medidas mais concretas, deve procurar o médium faltoso às reuniões para saber o que está acontecendo, pois, pode ser que ele esteja enfrentando algum problema de ordem familiar, profissional ou mesmo algum outro que o esteja impedindo de comparecer a elas com a regularidade necessária.

• O médium, sem dúvida, é também mais suscetível à influência espiritual de caráter negativo por parte das entidades que não querem o seu ou o progresso do grupo mediúnico ao qual se vincula.»

Sem excessos de rigorismo, cabe ao dirigente do grupo tomar as decisões que sejam salutares à sua harmonização, sem que, no entanto, essas decisões reflitam qualquer tipo de parcialidade.

Alertou-nos Jesus que, uma casa subdividida não poderia manter-se de pé... Um grupo constituído de médiuns indisciplinados e, sobretudo, de dirigentes que não se preocupem em dar o exemplo de assiduidade e pontualidade, não produzirá o que dele se espera, porque, igualmente, não contará com o amparo dos espíritos sérios.

Caso este ou aquele médium insista na indisciplina, o dirigente deve convidá-lo a um afastamento temporário, mais ou menos longo, até que ele se decida a exercer a mediunidade de maneira responsável.

Um elemento faltoso e indisciplinado em um grupo mediúnico, pode, sem dúvida,

comprometer-lhe o funcionamento, criando indesejáveis precedentes.

O dirigente de um grupo mediúnico necessita, pois, estar sempre atento, tanto à indisciplina dos médiuns quanto à indisciplina dos espíritos que não se submeterem às suas normas.

Como o médium deve reagir anie os impedimentos familiares, quando surjam?

R — Procurando contorná-los, sem prejuízo para a tarefa doutrinária e, principalmente, para com os seus deveres domésticos.

Não se deve tomar ao pé da letra o que disse Jesus a respeito de abandonar pai, mãe e filhos, para segui-lo... Não é possível que o Senhor pregasse, sob qualquer pretexto, a dissolução da família, Ele que, em várias oportunidades, enfatizou o "honrai pai e mãe".

O diálogo, sem dúvida, é sempre a melhor forma de equacionar-se este ou aquele problema de ordem familiar, mormente aquele ligado aos compromissos que um de seus integrantes tenha assumido no campo da mediunidade.

A imposição religiosa de qualquer natureza é sempre uma violência. Quando se trata de cônjuges que se compromissaram com crenças religiosas diferentes, tomase indispensável que ambos se respeitem mutuamente, um procurando apoiar no outro nas atividades às quais se vincule, seja na igreja, no templo evangélico ou na casa espírita.

Entre as religiões cristãs existem mais pontos de contato do que propriamente de separação. Quase sempre, a polêmica religiosa dentro de casa evidencia uma falta de entendimento que, em essência, é falta de amor.

Pbr outro lado, somos de opinião que aquele que cumpre com os seus deveres de filho, esposo, pai e mãe, deve fazer valer os seus direitos, não se escravizando espiritualmente em suas convicções e demonstrando fragilidade na fé.

Sem concessões mútuas, com base no respeito à crença de cada um, tomam-se impossíveis a convivência conjugal e o relacionamento com os familiares que estimam impor os seus pontos de vista.

Nada houve que impedisse Jesus de seguir o seu caminho e de continuar amando a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

É lícito que o médium não trabalhe, para se ocupar tão-somente de mediunidade?

R — Não; mediunidade não deve ser uma ocupação que absorva o médium ao ponto de impedi-lo de trabalhar pelo pão de cada dia.

É lógico que, quanto mais tempo o médium consa- .gra à mediunidade, mais apto ele esteja para exercê-la, todavia não podemos igualmente desconsiderar as exigências de ordem moral para que a mediunidade seja exercida como a um apostolado. Não convém ao médium que ele venha a ser pesado à bolsa de quem quer que seja!

Os espíritos não podem ocupar todo o tempo do médium que, além de suas obrigações para com eles, tem as suas obrigações para com os homens.

Os cristãos dos tempos apostólicos trabalhavam durante o dia e, à noite, se consagravam ao ministério do Evangelho, sem que, por outro lado, nada os impedisse do testemunho da fé na atividade profissional a que se consagravam, no honesto desempenho de suas íunções.

O profissionalismo religioso espírita em suas múltiplas formas de manifestar-se deve, sim, ser combatido, para que o Espiritismo não incorra no mesmo erro de tantas outras crenças que remuneram os seus pastores, contradizendo o "dai de graça o que de graça recebestes" da inesquecível advertência do Senhor aos seus seguidores.

E, depois, o homem que bem souber administrar o tempo à sua disposição, sempre encontrará recursos para que atenda aos seus compromissos de ordem material e para que não se omita em seus deveres espirituais. Os que fogem à mediunidade, alegando falta de tempo para que à ela se consagrem, demonstram o seu diminuto interesse para com as coisas do espírito e, até certo ponto, a sua revolta contra Deus que, segundo imaginam, deveria sustentá-los para eles O servirem no mundo.

Antes de ser médium, o médium deve ser espírita em tudo quanto faça, inclusive no trabalho em que é chamado a vivenciar a mensagem que apregoa.

De que maneira comportar-se o médium diante da incredulidade alheia?

R—Perseverando no cumprimento do dever que lhe compete. Se se duvida até da existência de Deus, o médium não deve esperar que a existência dos espíritos não seja posta em dúvida...

O importante é que o médium confie no que esteja fazendo e ele mesmo não duvide do intercâmbio que entretém com o Mundo Espiritual.

Muitos medianeiros desejariam a unanimidade de opiniões a respeito do trabalho que desenvolvem, todavia devem reconhecer que, a seu tempo, Jesus Cristo também foi colocado à prova e que até os seus seguidores mais diretos, inúmeras vezes, questionaram a autenticidade de sua missão.

O médium, pois, não deve sentir-se pessoalmente desprestigiado quando, inclusive, companheiros de mais perto não lhe depositem a confiança necessária... Que, em silêncio, sem efetuar-lhes cobrança de qualquer espécie, continue a servir, convicto de que somente através da constância no bem — o aval de suas convicções mais íntimas — é que logrará modificar-lhes o pensamento, induzindo- os a refletir que, de fato, ninguém consegue enganar a outrem o tempo todo...

O médium que recua ante a incredulidade alheia e, por vezes, até dos seus próprios familiares, de uma forma ou de outra, está dando-lhes razáo, porquanto a fé é para ser justamente demonstrada quando surgem os obstáculos.

Não nos esqueçamos ainda de mencionar que, segundo as narrativas

evangélicas, os irmãos de Jesus não acreditavam nele e, mesmo os seus pais "não faziam uma ideia muito precisa" da tarefa que viera desempenhar entre os homens.

Em síntese, o médium que desanima diante da descrença de alguém antes desanimou pela falta de confiança em si mesmo! Que ele não olvide que toda semente, para florescer, necessita, primeiro, germinar no clima de qualquer adversidade.

£ quando o médium falha?...

R— Ele se recordará, então, que, apesar de estar lidando com o divino, ainda é um ser humano sujeito a falhas e equívocos...

Os médiuns podem falhar, os espíritos podem falhar... Quando espíritos e médiuns falham, a mediunidade falha, mas ainda falha muito mais quem esperaria pela sua infalibilidade.

Quando este ou aquele médium falha, não lhe resta senão a alternativa do recomeço. Às vezes, não é o médium que falha: é o espírito que não possui os conhecimentos que se imaginam...

Mas o médium, do ponto de vista moral, também pode equivocar-se. Deverá ser execrado pela sua fragilidade?! Evidente que não. "Atire a primeira pedra aquele que estiversem pecado." Reconhecendo que caiu. levante-se e continue a caminhar, na realização do melhor.

Na realidade, todos os homens falham, todos os dias... Exigir do médium uma conduta irrepreensível é entender que mediunidade seja sinônimo de santidade. É lógico que o médium, cada vez mais, necessita preocupar-se com a coerência entre aquilo que faz e aquilo que prega, mas seria um erro supor que ele pudesse transformar-se de um dia para o outro.

Não nos esqueçamos de que a superfície de um lago poluído, embora ele mesmo não consiga absorver os raios do Sol, consegue refletir a sua luz para que dela outros se aproveitem...

A faculdade mediúnica em si não tem nada a ver com a condição moral do médium, e os espíritos costumam ser mais condescendentes que os homens. Neste sentido, um médium—digamos—de moral questionável pelo convencionalismo humano pode perfeitamente funcionar como intérprete de lições da mais alta espiritualidade.

Em resumo, pior do que falhar na condição de médium é falhar na condição de espírita, pois pode-se ser médium sem que se seja espírita, mas não se pode ser espírita sem que se seja cristão!

Se determinado grupo não conta com a presença de um médium desenvolvido, de que forma obter a orientação espiritual de que necessita?

R — Toda orientação que determinado grupo espírita necessita a fim de

funcionar a contento, está consubstanciada na Doutrina; aliás, as orientações específicas, oriundas deste ou daquele espírito, através deste ou daquele médium, costumam contrariar as orientações de caráter geral que, se postas em prática, solucionarão qualquer impasse...

Não é uma necessidade absoluta que o grupo tenha à sua disposição um médium que lhe facilite as consultas com a Espiritualidade, mesmo porque estar-se-ia desprezando a faculdade mediúnica da inspiração, através da qual os espíritos podem sugerir aos seus integrantes a melhor atitude a ser tomada.

• Os que estudam a Doutrina e lhe assimilam os ensinamentos, entram na faixa dos espíritos elevados e, com eles, passam naturalmente a comunicar-se através do pensamento.

É desaconselhável, inclusive, que o grupo se submeta à orientação deste ou daquele espírito que sempre se faça presente em suas sessões... Pode ser que falte a esse espírito experiência doutrinária, visão de conjunto, bom senso, entendimento fraterno dos problemas humanos, imparcialidade no que diz... Aliás, precisamos deixar claro: toda orientação de um determinado espírito para o grupo só deverá ser acatada depois de cotejada com as orientações enfeixadas na obra da Codificação.

Seria interessante, para evitar-se o melindre dos médiuns, que a direção do grupo ou da casa espírita deixasse este ponto bem claro aos seus integrantes.

. Consideremos, por outro lado, que o desenvolvimento do médium e o esclarecimento dos espíritos orientadores que se vinculam ao grupo estão diretamente relacionados ao seu crescimento espiritual; ou seja, o grupo que estuda e trabalha, passa a exigir mais, tanto dos médiuns quanto dos espíritos...

Por que os fenômenos de efeitos físicos são tão raros?

R — Não são tão raros assim quanto se pensa. Os fenômenos de efeitos físicos ostensivos, de fato, têm acontecido com certa raridade, principalmente pela falta de médiuns que se dediquem a cultivá-los, mas os fenômenos físicos discretos acontecem a toda hora e passam despercebidos.

Os médiuns de efeitos físicos dotados de "fartura ectoplásmica", de fato, são poucos e mais raros ainda são os que renasceram com o compromisso espiritual de trabalhar na produção dos aludidos fenômenos, mas os médiuns de pequeno potencial no campo das forças mate- rializantes contam-se aos milhares-, todavia dificilmente um ou outro demonstra interesse paciente e perseverante em fazê-lo crescer...

A mediunidade de efeitos físicos difere, sem dúvida, das demais mediunidades. Quando eclode, quase sempre ocorre de maneira explosiva e, depois, experimenta certo decréscimo em seu poder de manifestação... É neste ponto que os médiuns costumam entregar-se ao desânimo, mormente pelas excessivas cobranças dos integrantes do grupo, ávidos por fenômenos que se lhes destaquem aos olhos curiosos.

Mas refiramo-nos aos fenômenos físicos que acontecem todos os dias, por exemplo, em uma cabine de passes... Quantas intervenções do Mundo Espiritual, socorrendo anonimamente a centenas de enfermos!..[1]. Poderíamos, pois, dizer que todo médium passista é um médium de efeitos físicos em potencial; todo ele libera ectoplasma em quantidade suficiente para aliviar e curar...

J Os espíritos não magnetizariam na casa espírita os recipientes com água, se não contassem com o auxílio, direto ou indireto, de um ou mais médiuns de efeitos físicos!...

Finalizemos, dizendo ainda que, para que este ou aquele médium de efeitos físicos consiga produzir significativamente no campo do fenômeno ostensivo, toma-se imprescindível que conte com o respaldo do Mundo Espiritual, através de espíritos especializados na combinação dos fluidos e que, junto ao medianeiro, igualmente se mostrem dispostos a perseverar.

Há necessidade de que o médium dê o passe incorporado?

R — Em verdade, todo médium, no momento do passe, está mediunizado, mas sem que necessariamente esteja incorporado.

A incorporação pressupõe um transe mais profundo o que, positivamente, se toma uma prática obsoleta na transmissão do passe.

Compreendemos que, em certas ocasiões, principalmente ao pé do leito de um agonizante, os espíritos ligados à família queiram expressar-se com palavras de reconforto... Não podemos assim também ser tão ortodoxos e inflexíveis.

Os médiuns que trabalhassem incorporados em uma cabina de passes causariam estranheza a muitos aos quais falta um maior conhecimento da Doutrina.

O mesmo acontece com o orador espírita, que não necessita assomar à tribuna incorporado... Todo orador, quando se dispõe a falar do Evangelho, conta com a inspiração dos espíritos que o assistem. Dizendo-se incorporados, muitos, na realidade, estão à procura de maior prestígio espiritual na satisfação de sua vaidade e personalismo.

Precisamos, sem dúvida, escoimar a Doutrina desses misticismos desnecessários, que, não raro, representam uma tentação até para os espíritas mais esclarecidos.

Prestígio espiritual consegue-se através do trabalho desinteressado ao longo do tempo, do esforço individual e intransferível, e não através da presença deste ou daquele espírito cujo nome infunda respeito.

A respeitabilidade do médium não está na respeitabilidade do nome do espírito que, por seu intermédio, se manifesta.

. A credibilidade do médium independe da identidade do espírito, pois, a bem da verdade, o Mundo Espiritual está repleto de espíritos assumindo identidade que não lhes pertence.

O que fazer com os médiuns que não gostam de estudar?

R — Conscientizá-los de que continuarão na ignorância que escraviza, ao invés de terem acesso à Verdade, que liberta.

Os médiuns não afeitos ao estudo precisam saber que marcarão passo na mediunidade, convivendo psiquicamente com espíritos que quase nada lhes podem acrescentar, porquanto o comodismo dos médiuns atrairá o comodismo das entidades que não se interessam pelo próprio crescimento espiritual. .

Seria interessante, para auxiliá-los, que os dirigentes dos grupos espiritas que ffequentam condicionassem a sua presença às reuniões mediúnicas à sua efetiva participação nos estudos doutrinários da casa.

Os médiuns rebeldes ao aprendizado devem ser esclarecidos de que os espíritos que por eles se expressam não poderão substituí-los no esforço de iluminação pessoal, porquanto, na maioria das vezes, esses mesmos espíritos se revelam carentes de maior esclarecimento.

• A medida que o médium se aperfeiçoa em sua condição mediúnica, aperfeiçoar-se-ão os espíritos que o secundam no exercício de suas faculdades, porquanto o médium que melhora de nível naturalmente não mais oferecerá sintonia aos espíritos recalcitrantes ao conhecimento. .

O médium que se julga dispensado de aprender está atestando as suas limitações, sendo, por isso mesmo, dentre todos, o mais necessitado de debruçar-se sobre as obras que possam elucidá-lo.

Se o espírito não consegue comunicar-se através de um médium que não lhe ofereça ambientação psíquica, a comunicação para ele toma-se praticamente impossível, quando o médium não lhe ofereça recursos intelecto-morais para tanto.

Se o médium não estuda, melhor para ele que não perca tempo com mediunidade; existem outras maneiras para que consiga servir à Doutrina e de trabalhar a si mesmo...

Não se esqueça o medianeiro de que o exercício da mediunidade em si já se constitui em excelente aprendizado, porém não basta para tomá-lo consciente e responsável!

Os médiuns psicógrafos necessitam fechar os olhos para escrever?

R = Não existe esta necessidade. Os médiuns psicógrafos podem escrever de olhos abertos, sem que isto implique que não estejam escrevendo em transe... Podem proceder naturalmente, como se estivessem redigindo uma carta a alguém.

Principalmente quando estejam escrevendo de forma solitária, os psicógrafos não carecem de fechar os olhos, correndo o risco, por feita de treinamento, de escrever palavras ilegíveis, inutilizando o seu e o esforço dos espíritos que por eles redigem as suas páginas de Além-Túmulo.

O escrever cerrando os olhos é uma prática indicada aos psicógrafos que escrevem em público, porquanto a visão das pessoas locomovendo-se constantemente e a expectativa curiosa dos circunstantes podem levar o médium a

desconcentrar-se, dificultando a sintonia com as entidades comunicantes.

Na maioria das vezes, os médiuns psicógrafos ditos mecânicos, ou inconscientes, é que escrevem de olhos fechados, devido à maior profundidade do transe a que se entregam, mas, de maneira geral, não há necessidade, por exemplo, de que o médium escreva no escuro ou na penumbra, sob a luz desta ou daquela cor e nem mesmo apoiando a fronte sobre uma das mãos...

Muitos medianeiros fecham os olhos para escrever ou os mantém abertos sob a mão que os oculta, apoiando a fronte, apenas com o propósito de impressionar ou de manter uma postura mística que, sinceramente, não tem nenhuma razão de ser. Não serão eles nem menos nem mais médiuns, porque declaradamente escrevam de olhos abertos ou fechados.

Infelizmente, o Espiritismo ainda está repleto de posturas místicas—e esta é uma delas! — que muitos medianeiros fazem questão de sustentar, certamente objetivando tirar algum tipo de proveito pessoal.

É certo pensar que cada médium lenha as suas caraclerísticas?

R — Correto. O mesmo espírito, através de médiuns diferentes, embora mantendo o teor de suas ideias, pode apresentar-se com estilo diferente, levando o pesquisador mais afoito a concluir que se trata de mistificação.

O espírito se expressa pelo vocabulário do médium, utilizando os seus recursos gramaticais para escrever e até mesmo, digamos, os seus vícios de linguagem... Não há como ser diferente. .

Dificilmente, por exemplo, o espírito, pelo médium, consegue reproduzir a sua caligrafia, servir-se de expressões que lhe eram habituais, impor, enfim, o seu estilo ao estilo do médium. Eis uma das dificuldades de um comunicado de Além-Túmulo—quanto à forma, o espírito está sempre submetido ao medianeiro.

Nenhum médium deve preocupar-se em copiar o es- tilo de outro. Cada qual, escrevendo, falando ou agindo deve procurar ser ele mesmo, cultivando as suas próprias características, dentro das quais melhor conseguirá desempenhar o seu papel.

A clarividência, por exemplo, não se manifesta da mesma forma em dois médiuns diferentes... O modo de psicografar de um não será idêntico ao de outro... A incorporação por um médium terá certas peculiaridades que a distinguirão das demais psicofonias...

Em mediunidade, a forma não interessa, nem mesmo o estilo deste ou daquele espírito que, a rigor, pode ser plagiado; em mediunidade, o que interessa é o conteúdo, a essência, porquanto é pelo pensamento que o espírito se identifica... Os estilos podem variar, mas o pensamento não se contradiz!

É evidente que, na identificação do espírito, a análise do seu estilo é importante, mas não se pode também deixar de levar em consideração o estilo do médium.

o médium deve seguir cegamente a orientação que lhe é dada pelos espíritos?

R — Não, pois pode ser que o espírito orientador esteja, ele mesmo, necessitado de melhor orientação.

Repetimos o que dissemos alhures—os espíritos não são infalíveis! Muitos deles, apesar da boa vontade que os caracteriza, pouco sabem da Vida Espiritual e opinam segundo os pontos de vista que lhes dizem respeito.

O médium deve ser o primeiro a analisar o que lhe vem dos espíritos e, se não puder fazer isso sozinho, não deve hesitar em recorrer aos préstimos de um companheiro mais experimentado do que ele na lida com os desencarnados.

O médium que acredita cegamente na orientação dos espíritos será uma presa fácil da obsessão, porquanto muitos medianeiros se deixam fascinar pelo intercâmbio que entretêm com o Mundo Espiritual, considerando-se importantes na medida da importância dos nomes dos espíritos que a eles se apresentam.

Os Espíritos Superiores jamais impõem o seu pensamento: orientam, esclarecem, aconselham, mas deixam que o médium aja de acordo com o seu livre arbítrio e não se aborrecem quando se vêem contrariados no que sugeriram... O inverso acontece com os espíritos dominadores que, quando se sentem contrariados, intimidam o médium e o advertem com veemência, ameaçando abandoná-lo...

Toda e qualquer orientação que fugir ao bom senso e à lógica doutrinária precisa ser questionada pelo médium, que não deve ter receio algum de dirigir-se aos espíritos solicitando maiores esclarecimentos, pois somente os espíritos enganadores, temendo ser surpreendidos, se recusarão a fazê-lo.

O espírito orientador nunca fala exclusivamente em seu nome, evitando expressar-se na primeira pessoa do singular e não se imiscui nos problemas a que não seja chamado a cooperar no seu equacionamento.

Por que são poucos os espíritos mensageiros conhecidos e por que, quase sempre, são os mesmos que se comunicam através dos diferentes médiuns?

R—A grande maioria dos espíritos mensageiros opera em completo anonimato e, às vezes, junto dos médiuns agem em nome desse ou daquele outro benfeitor espiritual que desfrute de prestígio entre os homens.

Na realidade, os espíritos benfeitores que se comunicam através dos diferentes médiuns não são sempre os mesmos... Este é um problema que ainda precisa ser solucionado com o maior esclarecimento dos médiuns, que, revelando particular simpatia por este ou aquele, nele se fixam, impedindo que o comunicante lhes revele a sua verdadeira identidade.

O Mundo Espiritual está repleto de espíritos que anseiam por sair do anonimato, no entanto, por mais que se tenham esforçado, não têm conseguido fazer com que os médiuns lhes aceitem a identificação, porque, na maioria das

vezes, se trata de entidades que passaram com relativa discrição pelos caminhos humanos e não são tidos à conta de apóstolos da fé, de certa forma reconhecidos pelo trabalho que tenham desenvolvido.

O médium, digamos, carece de "trazer o espírito à Terra", apresentando-se, ao lado dele, à comunidade dos companheiros de ideal, não pelo seu ou pelo nome que o espírito adote, mas pela seriedade da tareia que ambos pretendem levar adiante.

Muitos dos espíritos que hoje se comunicam através deste ou daquele médium, antes que o fizessem, eram quase completamente desconhecidos; muitos deles, inclusive, servindo-se de pseudônimos para se expressarem... Todavia, conquistando o respeito que lhes é devido, acabaram por se impor e, hoje, desfrutam da credibilidade com que são acatados em suas manifestações.

Existem casos de espíritos que não permitem que outros espíritos se aproximem do médium de sua preferência?

R—Sim, são espíritos dominadores, quando evidentemente se trata de evitar a aproximação de entidades que pudessem colaborar no esclarecimento do medianeiro, colocando um ponto-final ao domínio que sobre ele exercem.

Também precisamos considerar que os espíritos benfeitores impedem que o médium idôneo seja molestado por desencarnados interessados em perturbar-lhe a tarefa.

Mas, de maneira geral, são os espíritos com propósitos escusos que promovem o "cerco" do médium, interessados em mantê-lo cativo de sua vontade, qual se o sensitivo lhes fosse propriedade particular.

Os espíritos infelizes aos quais estamos referindo-nos são, quase sempre, atraídos pelo médium que se compraz em sua companhia, a qual, para ele, não deixa de ser prazerosa; essas entidades costumam defender com veemência o sensitivo que, de hábito, se revela dócil instrumento em suas mãos...

Ainda, não raro, esses espíritos não passam de um mesmo e único espírito que, adotando diferentes nomes, procura melhor se camuflar, no intuito de que não seja desmascarado np processo de fascinação em que entretém o médium.

Os espíritos benfeitores, em permitindo que entidades de outra natureza se aproximem dos medianeiros dos quais se utilizam, mantêm-no sob a sua vigilância e assim consentem para que tal proximidade possa servir de maior aprendizado para o seu tutelado.

Concluindo, consideremos também que os referidos espíritos dominadores não só se empenham em afastar a presença de outros espíritos junto ao médium como a dos companheiros encarnados que pudessem alertá-lo quanto ao perigo a que se encontra exposto.

De que modo interpretar a inveja entre médiuns?

R-SComo uma manifestação inferior da personalidade dos mesmos.

Não há razão alguma para que um médium inveje a outro. Todas as faculdades

mediúnicas, quando utilizadas de forma conveniente e perseverante, são importantes veículos para que a Espiritualidade se manifeste, induzindo o homem a pensar que a vida continua... '

A inveja é, sem dúvida, uma característica dos espíritos que esbarram em suas próprias limitações. Como alguém já disse, é o reconhecimento do mérito da pessoa invejada ou, dizendo melhor, da pessoa admirada.

A disputa entre médiuns é um contra-senso, porquanto aqueles que se envolvem em semelhante querela demonstram o quanto ainda estão distantes da verdadeira vivência do Evangelho.

Quando os médiuns se atritam, notadamente dentro da mesma equipe, o trabalho dos benfeitores espirituais é prejudicado e, não raro, acaba provocando o enfraquecimento do grupo, de vez que os espíritos infelizes, valendo- -se da porta da invigilância escancarada, insinuam-se entre os seus integrantes levando-os a tomar tal ou qual partido.

Muitas desuniões nos grupos espíritas têm acontecido a partir da disputa infundada entre médiuns...

Detectando problema semelhante na equipe me- diúnica sob a sua responsabilidade, o dirigente necessita tomar imediata providência para equacioná-lo, antes que, crescendo, ele lhe fuja ao controle.

Melhor um grupo harmonioso com um ou dois médiuns, que um grupo com inúmeros medianeiros onde a intriga prevaleça.

£ inconveniente que o médium leve uma vida social intensa?

|—Uma vida social intensa é incompatível com qualquer atividade que reclame tempo e concentração para que se desenvolva.

O médium não necessita afastar-se de seus compromissos sociais, mormente aqueles que dizem respeito aos seus familiares. Não nos esquecemos de que Jesus compareceu às Bodas de Caná, na Galileia, mas não se omitiu no testemunho da Verdade que viera pregar aos homens...

Em inúmeras oportunidades, o Senhor prestigiava os banquetes aos quais era convidado, valendo-se da ensancha para anunciar a Boa Nova.

É claro que o fanatismo, a inconveniência, enfim, o extrapolar dos diálogos concernentes à fé deve ser evitado, mas, chamado a participar deste ou daquele evento social, o espírita não deve abdicar da sua condição de espírita para fazê-lo; antes, permanecendo vigilante, se valerá das possíveis oportunidades que surjam para elevar o teor da conversação, quando, evidentemente, este ou aquele assunto descambe na abordagem infeliz de temas que apareçam à baila...

Aqui igualmente seria de bom alvitre que os medianeiros refletissem na sábia palavra do Apóstolo dos Gentios: "Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém".

A vida social não deve ser desprezada pelos médiuns que, em toda parte, são chamados a servir aos propósitos divinos, no entanto, conhecendo a sua própria fragilidade, os médiuns hão de acautelar-se contra si mesmos, evitando expor-se

aos excessos de toda e qualquer natureza.

Sem o indispensável recolhimento mental e a preservação de suas energias emotivas, o médium não logrará produzir na mediunidade o que é natural que dele se espere, tanto os homens ávidos de consolo e esclarecimentos quanto os espíritos ansiosos por quem lhes estenda cooperação e boa vontade.

Convém ao médium uma vida celibatária?

R—Esta é uma questão de foro íntimo e está afeta ao compromisso espiritual de cada medianeiro.

Em qualquer situação afetiva em que se apresente, o médium deve sempre nos merecer o maior respeito, não nos importando com os conflitos de sua vida íntima.

Cada espírito, na Terra, renasce dentro de certas situações cármicas que nos escapam à análise.

O médium, embora pareça, não é uma criatura diferente das demais que lutam com as tendências que trazem do passado. Está exposto à tentação, à fragilidade espiritual que lhe diz respeito, aos desvios sexuais da alma comprometida...

Se o médium se sente inclinado para o compromisso matrimonial, não deve hesitar em fazê-lo; sem dúvida, a família para ele se constituirá em seguro abrigo contra as arremetidas do mal... Todavia, caso o médium, conhecedor dos anseios de seu mundo íntimo, faça opção pelo celibato, nas inclinações que só a ele dizem respeito, precisamos cercá-lo de bondade e, antes de qualquer julgamento precipitado, ouçamos as palavras do Cristo a nos ecoarem nos recessos da consciência: "Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado".

Para a mediunidade em si, é indiferente que o médium se case ou não, mesmo porque a família dos que não se casam costuma ser muito mais numerosa do que a daqueles que não elegem o celibato.

Simão Pedro era casado e João, o Evangelista, solteiro... Ambos serviram a Jesus com o mesmo acendrado amor que os demais discípulos da primeira hora do Evangelho no mundo, inclusive Maria de Magdala e Paulo de Tarso, dois vultos extraordinários do Cristianismo que emergiram de situações afetivas comprometedoras.

Que a vida íntima do médium não nos interesse tanto quanto nos deve interessar a sua vida pública no trato com a mediunidade!...

o que entender por parceria mediúnica?

***R* — Que o médium tem o dever de cooperar com o espírito em seu trabalho, somando esforços para que a tarefa do intercâmbio aconteça sem tantos embaraços.**

Todavia o médium só consegue entregar-se à parceria mediúnica quando não se deixa atormentar por tantas dúvidas em relação ao fenômeno que se produz por seu intermédio.

A insegurança do médium, o excesso de receio no que se refere a animismo

e os seus escrúpulos infundados constituem-se, para o espírito, obstáculo difícil de remover.

O médium parceiro dos espíritos é aquele com o qual os espíritos podem contar em quaisquer circunstâncias, aquele para quem a vida de Além-Túmulo é ponto pacífico e, portanto, não vive exigindo que se lhe dê uma prova de sobrevivência...

Quando os espíritos podem contar com a parceria consentida do médium, sob o gndosso da confiança recíproca, muito pode ser feito para que a Espiritualidade esteja cada vez mais presente na Terra, entre os homens, opondo-se às ideias materialistas, que, infelizmente, se encontram generalizadas.

Se o médium desconfia de sua própria mediunidade, como esperará que os outros nela creiam?! Se não age com determinação na causa da imortalidade, sem titubear ante às argumentações do cepticismo desalentador, como aguardará que os demais tenham coragem de assumir qualquer tipo de compromisso com a fé?!...

Se os espíritos se preparam para os médiuns, os médiuns necessitam preparar-se para os espíritos, associan- do-se a eles na sublime empreitada de combater os empecilhos do materialismo.

Um parceiro lúcido e responsável, perseverante e de boa vontade é tudo quanto os espíritos a serviço do Cristo anseiam por encontrar, colaborando com eles na tarefa de despertar consciências adormecidas, multiplicando adeptos para o Reino Divino!

O que dizer das chamadas "terapias alternativas de cura", algumas delas sendo atualmente introduzidas na casa espírita?

R — Cremos que sejam práticas estranhas à Doutrina e desnecessárias. O Espiritismo prima pela simplicidade e a atividade de cura na casa espírita deve limitar-se ao ato da imposição das mãos...

O recurso terapêutico do passe, acompanhado pela bênção da água fluidificada, da prece, do serviço de desob- sessão, da assistência fraterna aos mais carentes e da evangelização das almas em geral, são expedientes espirituais mais que necessários para a obtenção da cura, desta ou daquela enfermidade, de ordem física ou moral, quando, de fato, o problema cármico de quem dele se vale esteja chegando ao fim.

Respeitamos os que recorrem, por exemplo, à técnica da cromoterapia, no entanto convenhamos que. em Espiritismo, a motivação para a cura real e efetiva necessita acontecer no íntimo de cada um e não por fórmulas exteriores, quase sempre inócuas.

O homem, em seu menor esforço, impelido pelo hábito do imediatismo, está sempre à procura do que possa beneficiá-lo, sem que, para tanto, se sinta constrangido a mudar — mudar o teor de seus pensamentos, a sua concepção de vida, os seus valores, enfim, o direcionamento que tem dado a si mesmo... A função da Doutrina Espírita é a de despertar consciências para a Vida Imortal e não a de

curar corpos perecíveis!

Jesus promete o alívio das dores, condicionando-o, no entanto, à aceitação do seu jugo, que é o cumprimento da lei de amor e caridade em sua mais ampla aplicação.

O trabalho de cura, segundo o nosso entendimento, não deve, pois, concentrar todos os esforços da casa espírita, que, antes, necessita direcioná-los para que o homem, em se esclarecendo, não mais adoeça e não mais se comprometa.

A necessidade atendida, sem que as suas causas sejam equacionadas, tende a repetir-se, impedindo que o espírito dela se liberte!

É certo que a sensibilidade mediúnica na mulher seja mais acentuada que no homem?

R—A sensibilidade mediúnica diz respeito ao espírito e não à sexualidade do médium.

De fato, pela sua própria natureza psíquica, que se reflete em seu organismo de forma quase determinante, comumente o espírito feminino não apenas no campo mediúnico mas em todas as atividades que exerça, revela um maior grau de sensibilidade e percepção que aquele que estagie na masculinidade... *

Observemos, porém, que mediunidade não quer dizer apenas sensibilidade... Indispensável que essa sensibilidade seja operosa, aliada à um espírito prático, tutelada por valores intelectivos que a traduzam; enfim, que seja produtiva para o que se direcione, caso contrário, essa sensibilidade não passará de uma *antena* fora de sintonia, desnorteada no exacerbar de seus anseios.

A mulher é, naturalmente, médium da Vida, porém essa sua condição, digamos, hormonal é definida por caracteres que transcendem a sua condição genética e, neste sentido, um espírito de características femininas em um corpo masculino poderá, sem dúvida, ser altamente ativo, juntando vigor e sensibilidade, razão e intuição, atendendo ao resgate de seus débitos cármicos e, ao mesmo tempo, cooperando na edificação espiritual da Humanidade.

' Portanto, a rigor, não podemos classificar os médiuns, em sua sensibilidade, pela sua simples condição sexual, aliás, sempre transitória nos caminhos do espírito... Certos homens são mais sensíveis que muitas mulheres e muitas mulheres são mais inteligentes que certos homens.

Por detrás de cada corpo, masculino ou feminino, esconde-se um espírito assexuado, à semelhança de Deus, estagiando nas experiências que lhe dizem respeito, em busca da plenificação da sensibilidade, sintetizados na conquista do Amor e da Sabedoria.

Os médiuns estariam mais expostos à influência das Trevas?

R — Todos os homens invigilantes estão expostos à influência das Trevas, todavia os médiuns invigilantes, por sua própria condição receptiva, permanecem com as portas psíquicas escancaradas, completamente à mercê das entidades que

se prevalecem de sua incúria.

Não nos esqueçamos, todavia, de que, por outro lado, os médiuns, ainda pela sua lucidez e consciência do fenômeno, no intercâmbio com os desencarnados, são, dentre os homens, os mais receptivos à benéfica influência espiritual.

Em mediunidade, tudo é uma questão de sintonia. O médium que estabelece sintonia com as TVevas pode, se desejar, estabelecer sintonia com a Luz, e vice-versa. O homem caminha para onde direcione o pensamento...

O médium leviano e irresponsável atrairá para si a companhia de espíritos que se transformarão, por um tempo mais ou menos longo, em seus inquilinos, seviciando- -lhe as forças, exaurindo-o em suas energias e *adoecendo*- -lhe as faculdades.

Não resta dúvida de que o médium empenhado no cumprimento do dever, sempre experimentará o assédio de entidades que objetivam afastá-lo de seus compromissos, anulando-o na condição de instrumento das realidades de Além-Túmulo... Neste sentido, quase sem tréguas ele sofrerá a perseguição dos adversários da causa que abraçou, mas também não estará sem o amparo dos Amigos Espirituais que, em qualquer circunstância, haverão de lutar ao seu lado, contrabalançando a influência negativa que intente perdê-lo. ,

Nem os Apóstolos se furtaram ao assédio das Trevas, que, segundo as Letras Sagradas, sequer pouparam o próprio Senhor, conduzindo-o ao pináculo do templo e lhe oferecendo riquezas para que desistisse de seus propósitos...

Por isto, a vigilância nos médiuns há de ser uma constante necessidade, e ao medianeiro que desejar saber qual o tipo de influência a que se encontra exposto bastará a análise de seus pensamentos e anseios de caráter pessoal.

Que deve lazer o médium que não encontra na casa espírita o espaço que procura?

R ^Primeiro, ele deve analisar se a falta de espaço para trabalhar não está sendo oriunda de suas exigências, muitas vezes descabidas. É certo que, não raro, encontramos dirigentes espíritas castradores da boa vontade alheia; no entanto, pode ser que o médium é que esteja pretendendo ocupar todo o espaço, inclusive o que não lhe pertença...

O médium sem segundas intenções sempre encontra oportunidade de cooperar com todos os companheiros e, a rigor, quando não reclame este ou aquele tratamento diferenciado, todos os companheiros se dispõem a cooperar com ele na Obra que, genuinamente, pertence ao Senhor.

Todavia, quando o médium tenha já esgotado todas as suas possibilidades de entendimento junto ao dirigente do grupo espírita e se sinta anulado em seu esforço pelo bem comum, nada há que o impeça de procurar uma equipe de trabalho espiritual com a qual consiga harmonizar- -se, colocando-se na condição de simples colaborador.

Esclareçamos, no entanto, que o chamado *grupo perfeito* não existe!... Os

desajustes entre os integrantes de qualquer equipe de atividade espiritual são naturais e sempre haverá a necessidade de redobrada vigilância para que um mero conflito de opiniões não descambe para um rompimento indesejável.

Espaço para o trabalho do médium, segundo cremos, jamais será problema em uma casa espírita onde não predomine nem o personalismo do dirigente, nem o dos medianeiros mais antigos que, muitas vezes enciumados, costumam fazer oposição ao companheiro novato.

Na realidade, em parte alguma existe espaço para a petulância, para a vaidade, para a autopromoção; no entanto, nunca, em parte alguma, há de faltar espaço para o suor da boa vontade e o sincero desejo de servir!

Como agir com o médium considerado de moral duvidosa? Deve ser aiaslado de suas atividades mediúmicas?

R — Com todos os companheiros que evidenciem problemas de ordem pessoal, devemos agir com tolerância e fraternidade, procurando auxiliá-los a fim de que se libertem dos embaraços que os impedem de ser melhores do que sáo.

Longe de nós qualquer atitude moralista e intransigente, qual se estivéssemos imunes às dificuldades que os perturbam nos conflitos da consciência.

Quando oportuno, dialoguemos com o médium que sabemos em determinada crise de ordem moral ou psicológica, dando-lhe oportunidade de falar, expondo-se em seus sentimentos e anseios, convictos de que poderia ser qualquer um de nós em seu lugar...

Não nos esqueçamos de que afastar o médium necessitado do trabalho seria o mesmo que distanciar o enfermo do remédio que poderá valer-lhe na retomada do equilíbrio físico e espiritual.

Jesus conviveu com as fragilidades humanas na obra do Evangelho e a ninguém censurou em suas lutas de foro intimo, aceitando, incondicionalmente, quantos se decidiam a acompanhá-lo.

E claro que o comportamento inconveniente dentro da casa espírita e no relacionamento com os demais companheiros de ideal deve e precisa ser combatido, evitando- -se comprometer a tarefa que não diz respeito exclusivamente a este ou àquele.

Observemos que, não raro, os confrades espíritas, no trato com os assuntos do sentimento alheio, costumam ser mais intransigentes que os espíritos, cuja visão mais ampla da Vida naturalmente os inclina à indulgência e à compreensão para com os medianeiros que renasceram assinalados por inibições diversas.

Se quem se encontra mais doente é quem requisita mais tratamento e remédio, quanto mais vulnerável espiritualmente se revele o médium, de mais trabalho necessitará ele a fim de que se fortaleça diante das tentações.

Que atitude tomar o médium quando constata não estar ocorrendo o esperado progresso de suas faculdades mediúnicas?

R — Não resta dúvida de que a perseverança é fator indispensável ao êxito de qualquer empreendimento de natureza espiritual; no entanto, se o medianeiro verifica que, apesar de seus continuados e pacientes esforços, não está acontecendo o esperado progresso de suas faculdades, seria aconselhável que, em colocando a mediunidade em segundo plano, se concentrasse na necessidade de continuar trabalhando pelo seu crescimento íntimo.

Compreensível que, em alguns casos, a mediunidade seja, digamos, posta de lado pelo médium, mas incompreensível que, sob qualquer pretexto, ele se afaste do trabalho que lhe garante o equilíbrio e lhe confere a necessária experiência nas lutas do cotidiano.

Registramos que, não raro, a insistência do médium no cultivo de uma mediunidade improdutiva impede que ele se concentre e deslanche em outros setores das atividades espirituais, porquanto existem médiuns que nada mais querem fazer além de ser médiuns... Passam quase que a existência inteira lidando com a própria mediunidade, amedrontados pelo fantasma do animismo e assediados pelo espectro da dúvida, sem cogitarem da ideia de que poderiam ser muito mais úteis fazendo outra coisa.

Mediunidade não confere ao médium certificado de grandeza espiritual! Mais vale o trabalho espírita sem mediunidade do que o médium que não trabalha...

E preciso que o medianeiro tenha discernimento para saber até quando deve continuar persistindo ou renunciar à mediunidade ostensiva em benefício de uma tarefa em que consiga ser mais útil a si mesmo, aos outros e à própria Doutrina.

É belo ver o médium abrir mão de suas ambições no campo da mediunidade, incentivando os companheiros à perseverança, aqueles nos quais as possibilidades mediú- nicas se revelem mais promissoras!

Qual a atividade doutrinária que poderíamos considerar como sendo a mais importante na casa espírita?

R—Sem dúvida, a atividade mais importante na casa espírita é a do estudo metódico e sistematizado da Doutrina.

O centro espírita que abre as suas portas, sem privilegiar o estudo em suas reuniões, já começa cometendo sério equívoco que, mais cedo ou mais tarde, lhe acarretará desagradáveis problemas.

Todas as atividades do grupo espírita devem, se necessário, ser sacrificadas pela do estudo, que, de fato, se tomará o suporte doutrinário de todas as tarefas que venham a ser esquematizadas.

As pessoas que procurarem a casa espírita, para dela se valerem em suas necessidades imediatas, recorrendo à prece e ao passe, à desobsessão e à carta mediúnica de um ente querido desencarnado, devem encontrar por mensagem maior, capaz de modificar-lhes a Vida, a mensagem esclarecedora da Doutrina!

Não olvidemos que, em verdade, o centro espírita necessita ser considerado em sua feição de escola da alma e, neste sentido, dentro dele, todos devem se posicionar na condição de meros aprendizes.

Não há médium algum que possa se furtar à indispensável permuta de experiências com os companheiros, afirmando que os espíritos lhe ensinam, em particular, tudo quanto precisa saber... Se o médium realmente pode dispensar os companheiros encarnados em seu aprendizado, os companheiros encarnados dele não podem prescindir, e o médium que se furta à participação nos estudos da casa, revela o seu desinteresse pelo progresso do grupo.

O templo espírita que não oferece aos seus frequentadores a oportunidade do estudo não é sério, porque não encara o Espiritismo com seriedade e porque não se empenha na formação de colaboradores conscientes e responsáveis.

Como proceder o médium para que a faculdade mediúnica da clarividência ou a da clariaudiência se lhe desenvolva?

R—As faculdades mediúnicas da clarividência e da clariaudiência, estão entre as mais espontâneas das faculdades passíveis de *desenvolvimento.*

O medianeiro não deve se decidir a desenvolver esta ou àquela faculdade; deve, antes, se interessar no cultivo da possibilidade mediúnica que, naturalmente, se lhe manifeste.

Quem, por exemplo, não tiver a faculdade da vidência, em vão desejará atuar na condição de médium clarividente. O mesmo raciocínio é válido para a clariaudiência, a psicografia e as demais faculdades medianímicas, excetuando-se, evidentemente, a condição de médium passista, posto que a possibilidade de doar de si em favor de alguém é inerente a todas as criaturas.
O candidato à vidência e à clariaudiência que força em si o desabrochar dessas faculdades corre o risco de sobreexcitar a própria imaginação, e, ainda, não lhe faltarão os espíritos levianos que poderão induzi-lo a lamentáveis processos de fascinação.

Nenhum médium vidente tem o poder de ver os espíritos quando assim o deseje e nem de ouvi-los o clariau- diente quando assim o delibere... É fato que a atenção do medianeiro voltada para este ou para aquele fenômeno que esteja protagonizando pode dar-lhe contornos de melhor clareza e traços de maior autenticidade; todavia, se a vontade de ver e ouvir os espíritos é importante no médium portador destas faculdades, de forma alguma é condição determinante em nenhuma delas.

Aliás, o ver e o ouvir os espíritos sem discernimento, têm sido, no campo da obsessão, uma das causas mais ffequentes.

É preferível que, ao invés de dedicar-se à visão e à audição dos espíritos, o medianeiro aguce os seus sentidos para que, além de perceber a presença de Deus em toda parte, consiga registrar-lhe a palavra através da insofismável voz da consciência.

Um médium pode cooperar no aprimoramento mediúnico de outro?

R— É evidente que sim; aliás, os medianeiros mais experimentados têm o dever de cooperar na iniciação mediúnica dos neófitos que se lhe fizerem discípulos. No entanto, infelizmente, o que de hábito se vê é o médium mais antigo com injustificável ciúme do companheiro que desponta...

Os profetas, sob a inspiração divina, quando pressentiam próximo o instante da partida, auxiliavam outros no desenvolvimento dos dons que lhes diziam respeito, a fim de que o serviço da fé não sofresse solução de continuidade.

No segundo livro de Reis, capítulo **2**, versículo **9**, encontramos o curioso registro que nos convida à reflexão. "Elias disse a Eliseu: 'Pede o que queres que eu faça por ti antes de ser arrebatado da tua presença'. E Eliseu respondeu: 'Que me seja dada uma dupla porção do teu espírito!" Adiante, no mesmo capítulo das referidas anotações, no versículo **15** encontraremos: "Os irmãos profetas viram-no a distância e disseram: 'O espírito de Elias repousa sobre Eliseu!'"

Na segunda epístola de Paulo a Timóteo, no capítulo **1**, versículo **6**, poderemos ler: "Por este motivo, eu te exorto a reavivar o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos".

Nos tempos primitivos do Cristianismo, o costume da imposição das mãos era, inclusive, utilizado para despertar os dons carismáticos dos que, evidentemente, revelavam os sinais de sua presença em si.

Não se justifica a conduta do médium que teme a competição dos companheiros, pois, afinal, na Doutrina Espírita estamos a serviço de uma causa muito maior que a de nós mesmos.

Tanto quanto possível, os medianeiros mais vividos no trato com a mediunidade são chamados a orientar, esclarecer e incentivar os médiuns novatos que se mostrem dignos de confiança, desprendidos de si mesmos e devotados ao ideal da Terceira Revelação. .

Em uma sessão mediúnica, o médium pode acumular funções, como, por exemplo, dirigir a reunião, doutrinar e receber espíritos?

R — Não é conveniente que o médium se sobrecarregue em uma reunião mediúnica, absorvendo responsabilidades que devem ser divididas com outros. É claro que se o médium for o companheiro mais experimentado do grupo, lhe cabe o supervisionamento das tarefas a cargo de terceiros, até que estes se revelem suficientemente amadurecidos e entrosados na equipe de atividades espirituais.

Em uma sessão mediúnica, o médium deve funcionar exclusivamente como médium, delegando poderes de direção e descentralizando decisões.

Não há ainda necessidade que o dirigente de uma reunião de desobsessão, por exemplo, incorpore para doutrinar esta ou aquela entidade que nela se faça presente através de outro medianeiro. Os conhecimentos doutrinários hauridos no estudo da Doutrina, ser-lhe-ão mais que suficientes para que sustente o diálogo com os desencarnados.

O verdadeiro líder é aquele que sabe preparar os integrantes do grupo, inclusive para a eventualidade de, por motivo de força maior, ter que se afastar das atividades por um tempo mais ou menos longo.

Existem grupos espíritas em que o médium é quem sempre detém a última palavra, quais infalíveis oráculos que reclamassem para si atitudes de constante reverência.

Sem dúvida, o médium é um companheiro respeitável, no entanto mais respeitável se toma na medida em que sabe promover os integrantes da equipe de serviços espirituais da casa, impessoalizando-se no esforço que todos, igualmente, precisam despender na obra do Evangelho!

O medianeiro que estima mobilizar atenções evidencia o personalismo que, inutilmente, procura disfarçar e, neste sentido, não apenas o médium, mas todo e qualquer dirigente espírita carece de rever a sua posição à frente do grupo que deveria dirigir de forma mais democrática e cristã.

Qual a importância dos médiuns para a Doutrina Espírita? Deve-se trabalhar no sentido da formação de novos medianeiros?

R — Os médiuns são importantes para a Doutrina Espírita na medida em que, através deles, é que o Mundo Espiritual consegue se fazer mais presente na Terra, chamando a atenção do homem para as realidades da vida de Além-Túmulo.

Os espíritos, em não mais estando atrelados às opiniões dos homens comprometidos com interesses pessoais, falam, sem rodeios e preconceitos, neles combatendo a estranha hipnose provocada pelo imediatismo... Enquanto o Cristianismo dos primeiros séculos contou com a bênção do intercâmbio com os planos da Vida Superior, ele não se comprometeu com formalismos de quaisquer natureza e não contemporizou com a ilusão do poder.

A formação de médiuns conscientes é de suma importância para o Espiritismo, de vez que a Revelação não deve concentrar-se em um número reduzido de medianeiros externando a opinião de alguns poucos espíritos... Allan Kardec, na tarefa ingente da Codificação, procurou ouvir o maior número possível de desencarnados, convicto de que a Verdade não é privilégio absoluto de quem quer que seja e a ninguém pertence de modo *exclusivo.*

Indispensável, pois, que novos medianeiros surjam no contexto da Doutrina Espírita, possibilitando contato com outras inteligências desencarnadas, colhendo-lhes o depoimento nas experiências que têm vivenciado na vida além da morte.

Os homens, infelizmente, podem estar sujeitos às conveniências sociais de seu tempo, até mesmo para garantir o pão que lhes possibilita a sobrevivência, todavia os espíritos esclarecidos e emancipados não titubeiam diante no que é preciso ser dito...

E, portanto, tarefa das mais nobilitantes *formar médiuns* à luz dos postulados espíritas, incentivando-os no trabalho de continuar trazendo à Terra as

revelações gradativas do Mundo Espiritual, dentro do dinamismo natural da Terceira Revelação, evitando, outrossim, que a concentração de atividades em suas mãos os induza a indesejável personalismo com pretensões de infalibilidade.

Como o médium deve proceder diante de certos comunicados que receba contendo revelações concernentes às mais diversas áreas do conhecimento?

R — Com cautela, de forma alguma crendo na infalibilidade de tais comunicados.

A opinião dos espíritos pode nada ter de definitiva, porquanto o conhecimento das entidades que habitualmente se comunicam com os homens na Terra é limitado.

Os espíritos pseudo-sábios pululam no Mundo Espiritual e, não raro, para que tenham as suas palavras acatadas pelos homens desavisados estimam impressioná-los com bombásticas revelações.

Tudo que o medianeiro receba de Além-Túmulo necessita ser passado pelo crivo da razão. Allan Kardec escreveu que o Espiritismo não tem a pretensão da palavra definitiva sobre este ou aquele assunto... Evidenciando o seu extremo bom senso, afirmou ainda que, se a Ciência viesse, de futuro, a comprovar equívoco em um dos pontos em que a Doutrina se alicerça, ela deveria, sobre esse ponto, rever o seu posicionamento, corrigindo-se e continuando fiel à Verdade.

Infelizmente, porém, é comum que, idolatrando-se a si mesmos, muitos medianeiros defendam de uma forma irredutível os comunicados espirituais que aconteçam por seu intermédio, mesmo quando veiculem as mais absurdas teorias.

Os espíritos pseudo-sábios demonstram certa preferência para assuntos de ordem científica... Quase nada conhecem do tema que escolhem para os seus diálogos com os homens, mas querem se fazer respeitados pela seriedade do assunto que abordam, prevalecendo-se, ainda, da ignorância da maioria das pessoas nas questões de teor científico a que estamos referindo-nos.

Comunicados confusos, de pouca clareza, constituídos de palavras empoladas, inacessíveis ao raciocínio comum devem, no mínimo, ser recebidos com reserva e submetidos à análise de companheiros mais experimentados no trato com a Doutrina.

Todos os habitantes do mundo Espiritual poderiam comunicar-se com os homens na Terra?

R — Poderiam; no entanto poucos estão em condições de fazê-lo com o proveito necessário.

Alguns espíritos, em desencarnando, de certa forma se desligam dos problemas que os afligiam no mundo, dis- tanciam-se para outras regiões da Vida Mais Alta, reencontram antigos companheiros, com os quais possuíam laços afetivos mais estreitos ou, então, descem a níveis de perturbação que os impedem de contactar com aqueles que deixaram nas retaguardas da experiência física...

Outros, em sendo logo esquecidos pelos seus, igualmente os esquecem,

prosseguindo em suas experiências evolutivas em contato com outros habitantes do Invisível, atendendo às necessidades de progresso que lhes dizem respeito...

Muitos permanecem cativos da psicosfera gravitacional do planeta —deixaram o corpo, mas não conseguiram deixar de vivenciar nas sensações da matéria; rebe- lam-se com a sua condição de vida no Além-Túmulo e peregrinam no mundo, à procura de culpados pela sua situação; transformam-se em obsessores, muitas vezes gratuitos, das almas invigilantes, associando-se-lhes ao psiquismo na condição de comensais que lhes parasitam a mente e lhes vampirizam as energias...

Raros são os espíritos que entram em contato com os homens, conscientes do que estão fazendo... Apenas os mais esclarecidos, os que já têm uma visão mais dilatada da Vida, em suas múltiplas dimensões, continuam preocupados com os encarnados e, na medida do possível, voltam para auxiliá-los, valendo-se dos medianeiros que se dispõem à auxiliá-los em semelhante mister.

Ainda precisamos destacar as entidades que, embora desejando fazê-lo, não o sabem, ou não encontram recursos para se evidenciarem junto àqueles que desejam se revelar, com o propósito de dizer-lhes que não desapareceram e que, de fato, a vida depois da morte é uma realidade que não pode ser ignorada.

Por que muitos comunicados de além-Túmulo deixam a desejar?

R—Às vezes, uma carta deixa a desejar, um telefonema deixa a desejar, uma conversa deixa a desejar... Os espíritos não são seres miraculosos—são apenas homens sem o corpo e que, não raro, continuam tão limitados e omissos quanto o foram no mundo.

Por outro lado, os medianeiros são igualmente instrumentos imperfeitos; por mais boa vontade revelem no serviço do intercâmbio espiritual, não conseguem superar as suas deficiências e limitações na condição de médiuns... Juntando-se os problemas do espírito, as suas dificuldades para expressar-se de uma dimensão a outra, com os problemas do médium, que são de toda ordem, é natural que muitos comunicados de Além-Túmulo deixem a desejar, às vezes suscitando mais dúvida que certeza...

O médium em ação é uma espécie de "radar ultra-sensível" — tudo o que acontece à sua volta, a menor perturbação psicológica e emocional, consegue afetá-lo para pior, provocando-lhe descargas eletromagnéticas em todo o corpo e dificultando-lhe, sobremodo, a sintonia.

E, depois, precisamos ainda considerar que, no ato do fenômeno, ou, por outra, no justo momento do intercâmbio, o médium, não raro, se sente assediado pelo fantasma da dúvida, e receia estar protagonizando um embuste, uma mistificação, ou o que quer que o valha, cortando, ele mesmo, o contato com a Esfera Espiritual e truncando a manifestação do espírito.

Indispensável pensar que a mediunidade ainda está em seus primórdios na Terra; apesar de todos os avanços neste sentido, ainda há muito para ser feito,

como há muito para ser feito no campo da tecnologia mais avançada — sempre se trabalhará no sentido de conseguir-se som e imagem mais nítidos!...

É claro que precisamos continuar esmerando-nos, dos dois lados da Vida, no sentido de encurtar distância entre os homens e os espíritos, todavia carecemos também usar de tolerância para com os obstáculos existentes nos dois lados da Vida, para que, finalmente, tenhamos, pela mediunidade, o contato ideal entre uiuos e *mortos.*

O médium deve recuar diante da incompreensão dos companheiros que, seguidamente, apontam Talhas em sua conduta mediúnica?

R — Não, mas deve estar atento às observações que lhe são feitas, porquanto aqueles que nos criticam nem sempre estão destituídos da razão. Não raro, o Plano Espiritual se vale dos lábios dos companheiros menos compromissados afetivamente conosco para advertir-nos...

É certo que, em muitas críticas, a inveja e o ciúme se manifestam, objetivando denegrir gratuitamente o esforço alheio, mas, repetimos, o médium sob a mira dos adversários não deverá desconsiderar toda a repreensão que lhe for dirigida, porquanto semelhante providência poderá imunizá-lo contra a fascinação a respeito de si mesmo, fazendo-o recordar-se, estranhamente embora, de sua fragilidade humana.

Os críticos contumazes são importantes na vida do medianeiro bem intencionado—são eles que o auxiliam a manter-se vigilante e que o incentivam ao aprimoramento.

O médium que recue diante das *críticas,* **desprezando-as com superioridade, além de demonstrar que a** *elas* **faz jus, revela não estar preparado para o** *exercício da* **me- diunidade, que, sobretudo, é um exercício de** *paciência.*

Os **companheiros críticos são, ainda, uma** *espécie de* **"alavanca", impulsionando no cumprimento do dever o médium que deseja provar aos outros que está sendo alvo de injustiças e inverdades a seu respeito, ganhando forças na superação de si mesmo e realizando o que,** *caso não* **fosse molestado, não realizaria.**

Reconhecendo que a crítica que lhe for *endereçada* tem a sua razão de ser, colocando-lhe o *personalismo e as* reais mazelas a descoberto, o medianeiro trabalhará no sentido de revertê-la e, trabalhando, realizará a obra do Senhor... Diríamos, mais, que o médium com o qual ninguém se preocupa, nem os homens na Terra e nem as Trevas, se exporá ao risco do comodismo, não produzindo, na condição de médium, tudo que para produzir carece *de* submeter-se à ação do atrito.

Qual é, no mundo Espiritual, a sensação do médium que fracassa na Terra?

R — O médium que deserta aos compromissos assumidos experimenta, nas dimensões da Vida Maior, certo desapontamento consigo mesmo, uma sensação de

vazio pelo tempo perdido que nada consegue preencher...

Em um golpe de vista, percebe que menosprezou os dons espirituais na existência física, permutando-os pelos transitórios valores que cada vez mais o afastaram da inadiável construção de si mesmo...

Lamenta os equívocos cometidos, ansiando, inutilmente, pela retomada da tarefa que só Deus sabe quando poderá acontecer, observando-se, diante das almas redimidas pelo esforço e pelo sacrifício, na condição de espírito envergonhado dos talentos que não soube valorizar...

Em qualquer parte em que esteja, sentir-se-á, nas regiões do Infinito, em débito para com a Providência Divina, desapontando os Benfeitores Espirituais que permaneceram, no Além-Túmulo, na melhor expectativa a seu respeito, no que se refere à importante tarefa da espiritualização das criaturas...

Em muitos deles, os medianeiros, o remorso será tal, que chegará a perturbar-lhes as faculdades, tomando-os cativos das inteligências nocivas, que os utilizarão de acordo com as suas conveniências, em dolorosos processos de hipnose e vampirização...

Quando reconhecem os seus erros, os médiuns aos quais nos referimos predispõem-se, de imediato, a demorados esforços de reajuste, submetendo-se às mais humildes tarefas nas regiões espirituais de sofrimento; todavia, quando procuram por culpados para a sua irresponsabilidade, não assumindo eles mesmo as consequências de sua incúria, então, inclusive, poderão, de futuro, renascer no mundo como portadores de certos distúrbios neurológicos de difícil tratamento.

Haja o que houver, que o tarefeiro da mediunidade não se afaste de suas obrigações, seguindo adiante com o fardo que representa, na Terra, a sua melhor oportunidade de ascensão.

Por quais indícios o médium reconhecerá que esíá sendo chamado à tarefa da mediumidade?

R—Todo medianeiro em que a mediunidade se apresente de maneira mais ou menos ostensiva, está sendo *chamado* a exercê-la com Jesus, colocando-se à disposição dos seus Emissários na tarefa de espiritualização da Humanidade.

Todavia o médium cujo chamamento se fez há de sentir, em seu íntimo, inequívoco comprometimento com o ideal espírita, no anseio quase que incontido de doar-se às atividades do bem, superando as barreiras que naturalmente se lhe apresentem, na tentativa de impedi-lo de caminharei médium com tarefe definida na Doutrina Espírita é aquele que experimenta o desejo de ser útil, registrando o inarticulado e inconfundível apelo da consciência que o impulsiona, diutumamente, ao adestramento mediúnico que o habilitará ao cumprimento do dever.

Infelizmente, a maioria dos sensitivos não se esmeram no cultivo da mediunidade, desincumbindo-se de suas obrigações espirituais como quem estivesse atendendo a incomoda obrigação, sem a alegria espontânea que deve caracterizar o medianeiro a serviço do Evangelho.

Todos os médiuns são chamados a crescer na lida com a mediunidade, destacando-se nas atividades do bem; no entanto raros são os que aproveitam a oportunidade, dando ao talento recebido a devido valor... Médiuns existem que, apesar de chamados, não se *escolhem* pelo esforço e pela boa vontade, pela perseverança e pelo interesse que as coisas espirituais deveriam merecer-lhes.

Alguns poucos superam as expectativas do Mundo Espiritual, tal o devotamento com que se consagram ao labor, no entanto a maioria frustra essas mesmas expectativas pelo descaso com que trata a questão da mediunidade, colocando o seu exercício, em sua lista de prioridades, quase que por derradeiro. Em suma, o médium *chamado* à tarefa da mediunidade com Jesus *sempre o hauerá de saber*; se o ignorar, estará ignorando-o voluntariamente!...

Em Espiritismo, existe hierarquia de médiuns: médiuns maiores, médiuns menores? Sm médium poderá suceder outro? Qual o médium que desfruta de maior prestígio?

R — Não, em Espiritismo não existe qualquer tipo de hierarquia. Todos os médiuns fazem parte de uma engrenagem, cada qual na condição de peça importante do seu funcionamento.

Ninguém sucede alguém em qualquer setor das atividades humanas, mormente naquelas de ordem espiritual. A mensagem de cada um é particularíssima e não há quem possa substituir a quem quer que seja na tarefa que desenvolve com as características que lhe são inerentes.

O médium que, sem dúvida, desfruta de maior prestígio é aquele que, consoante as palavras do Senhor, procura mais servir, apequenando-se diante dos homens.

A mediunidade é incompatível com qualquer tipo de pretensão à superioridade, porquanto os espíritos sérios não endossam o trabalho de quem esteja à busca de autopromoção.

Identificamos os muitos Apóstolos que mais se destacaram no labor do Evangelho, no entanto os que desconhecemos, nos primeiros dias do Cristianismo no mundo, os que permaneceram no anonimato, sacrificando-se pelo ideal que abraçaram, foram muito mais numerosos e, muitos deles, maiores que os primeiros... Todavia os seus nomes não foram registrados pela História.

Existem companheiros médiuns que, quase em completo anonimato, desempenham importante atividade espiritual, lutando nas trincheiras da fé, na defesa da implantação do Reino de Deus sobre a face da Terra...

Que nenhum medianeiro, portanto, se preocupe com questões concernentes à sucessão deste ou daquele companheiro que se haja destacado pelo seu devotamento à causa da mediunidade; antes, procure desempenhar, da melhor forma possível, a tarefa que lhe foi concedida por acréscimo da Misericórdia Divina.